

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**METODOLOGIA DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS ALUNOS DA 2^a
CLASSE. CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº 3002, NO MUNICÍPIO DO
CAZENGA, PROVÍNCIA DE LUANDA, NO III TRIMESTRE DE
2022/2023**

Autora: Bernarda de Sá Miranda Paím

Orientador: Prof. Lic. António José Caculo Bande

Luanda, 2023

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

METODOLOGIA DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS ALUNOS DA 2^a
CLASSE. CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº 3002, NO MUNICÍPIO DO
CAZENGA, PROVÍNCIA DE LUANDA, NO III TRIMESTRE DE
2022/2023

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola, para obtenção do grau de Licenciatura, Curso de Pedagogia, sob a orientação do professor, António José Caculo Bande, Lic.

Autora: Bernarda de Sá Miranda Paím

Orientador: Prof. Lic. António José Caculo Bande

Luanda, 2023

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**METODOLOGIA DE ALFABETIZAÇÃO PARA OS ALUNOS DA 2ª
CLASSE. CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº 3002, NO MUNICÍPIO DO
CAZENGA, PROVÍNCIA DE LUANDA, NO III TRIMESTRE DE
2022/2023**

O JÚRI:

Presidente_____

1ºVogal_____

2ºVogal_____

Secretário_____

CLASSIFICAÇÃO_____

DATA DE DEFESA_____/_____/ 2023

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Mary Cassequel, José Paím Francisco, Janeth Paím Francisco, Adânio Paím Francisco, aos meus irmãos Isabel Paím, Domingas Paím e Maria Paím, que depois de ter ficado algum tempo fora das instituições de formação, despertaram em mim a continuidade da formação acadêmica, ao meu esposo Adão Francisco, que mesmo diante de numerosas dificuldades nunca deixou de dar o seu incondicional apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, nunca esquecerei agradecer, em qualquer que seja a circunstância vivencial, ao dom da vida, minha fonte de inspiração e erudição.

Aos meus pais José Paím e Helena Ribeiro, por me terem trazido ao mundo e, que tudo fizeram para que nada faltasse desde a infância até a idade adulta.

Ao orientador Prof António José Caculo Bande, endereçar as minhas profundas palavras de apresso, por ter sido muito paciente e metódico e nunca poupou esforço para o êxito desta monografia.

A direcção do Instituto Superior de Angola especificamente o curso de Pedagogia, que com os saberes evolutivos contribuíram para obtenção dos conhecimentos que norteiam a Pedagogia que tem como objecto de estudo os fenómenos comportamental, o meu muito obrigada.

Ao director geral da Escola, Virgílio Manuel por ter permitido a realização da pesquisa no referido complexo escolar, bem-haja.

A todos quanto orientaram-me a usar os conhecimentos na vida e para a vida, dentro ou fora da escola, ser-te-ei muito grata.

Aos meus colegas, amigos em geral que directas ou indirectamente contribuíram com apoios psicológicos e material, serei eternamente grata.

EPÍGRAFE

Metodologia de pesquisa nada mais é do que a descrição do processo de pesquisa do trabalho. Isto é, a definição de quais serão os procedimentos para a colecta e para a análise de dados. Isso significa que delimitar uma metodologia não é adoptar um conjunto de directrizes fixas que se deve seguir à risca. Costa (2001)

RESUMO

A presente pesquisa fala sobre Metodologia de Alfabetização para os alunos da 2ª Classe, Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda, tem como objectivo principal analisar o processo de alfabetização e suas metodologias na 2ª Classe. Entretanto, tipo de pesquisa descritiva, porém, este permite fazer um estudo aprofundado dos fenómenos em estudo observado, tendo como modelo de pesquisa mista, permitindo um esforço para elaborar conhecimentos sobre aspecto da realidade na busca de soluções para os problemas expostos, desta forma formula-se a seguinte pergunta de partida: Qual é a importância da aplicação da Metodologia de Alfabetização para os alunos da 2ª Classe, na Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda? Tendo como resposta antecipada guia o professor indicando caminho, tornando o trabalho mais prático e mais científico e novas formas de ensinar alfabetizar e fornece ao professor novos recursos de ensino e autonomia do aluno no processo de aprendizagem, tendo participado directamente por 1 (um) director geral, 1 (um) director pedagógico, 24 (vinte e quatro) professores, totalizando 26 (vinte e seis) elementoss da amostra, correspondendo percentualmente 55,3% da população, assim sendo, concluiu e sugeriu-se que, sobre aplicação dos métodos activos aos alunos da 2ª Classe da Escola Primária nº 3002, no Município de Cazenga, Província de Luanda.

Palavra-chave: Metodologia, alfabetização, alunos.

ABSTRACT

The present research talks about Literacy Methodology for 2nd Grade students, Primary School nº 3002, in the Municipality of Cazenga, Luanda Province, its main objective is to analyze the literacy process and its methodologies in 2nd Grade. However, this type of descriptive research, however, allows an in-depth study of the phenomena under study, having as a mixed research model, allowing an effort to elaborate knowledge about aspects of reality in the search for solutions to the exposed problems, in this way formulates. The following starting question was asked: What is the importance of applying the Literacy Methodology for 2nd Grade students, at Primary School No. 3002, in the Municipality of Cazenga, Luanda Province? Having as an early response, it guides the teacher indicating the way, making the work more practical and more scientific and new ways of teaching literacy and provides the teacher with new teaching resources and student autonomy in the learning process, having participated directly by 1 (one) director general, 1 (one) pedagogical director, 24 (twenty-four) teachers, totaling 26 (twenty-six) elements of the sample, corresponding in percentage to 55.3% of the population, therefore, it concluded and suggested that, on application of the active methods to Grade 2 students at Primary School No. 3002, in the Municipality of Cazenga, Province of Luanda.

Keywords: Methodology, literacy, students.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I : FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1. Definição dos termos e conceitos.....	6
1.2. Contexto histórico sobre alfabetização em Brasil.....	7
1.3. Educação em Angola.....	10
1.4. O processo de alfabetização em criança.....	11
1.5. Teoria sobre aprendizagem construtivista para a alfabetização.....	19
1.6. Processo de ensino-aprendizagem.....	23
1.7. A escola como instituição.....	24
1.8. Importância da metodologia de alfabetização.....	28
1.9. Os métodos mais usados.....	29
CAPITULO II METODOLOGIA DE PESQUISA.....	44
2.1. Tipo de pesquisa.....	44
2.2. Modelo de abordagem.....	45
2.3. Níveis de estruturação de métodos.....	45
2.4. Técnica de recolha de dados.....	46
2.5. Instrumentos e procedimentos.....	47
2.6. População e amostra.....	47
2.7. Dificuldades encontradas.....	48
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	49
3.1. Apresentação e interpretação dos resultados.....	49
3.2. Discussão dos resultados.....	53
CONCLUSÕES.....	55
SUGESTÕES.....	56

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
---------------------------------	----

APÊNDICES

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O trabalho em questão aborda sobre Metodologia de Alfabetização para os alunos da 2ª Classe, Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda, no III Trimestre de 2022/2023.

O desenvolvimento da alfabetização corresponde directamente à libertação de uma pessoa, pois, a partir do momento em que um sujeito aprende a decifrar o código alfabético e principalmente entendê-lo, de maneira que consiga interpretar o que lê, ele começa a se tornar sujeito de sua própria história.

Indubitavelmente, em nossa sociedade um sujeito alfabetizado, em comparação com um analfabeto, tem condições mais apropriadas de disputar uma vaga de emprego, de frequentar um curso e assim por diante. Ou seja, a alfabetização é essencial para o indivíduo melhorar a sua condição de vida. Nesse caso, a leitura e a escrita estão entre os mais poderosos meios de comunicação, elas nos permitem entender e apreciar as ideias dos outros permitindo assim, de forma gradual, que ocorra a saída do senso comum para um conhecimento mais elaborado.

Nesse sentido, este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica acerca deste tema tendo como objetivo principal a realização de um breve levantamento histórico e metodológico sobre a alfabetização.

os primeiros sistemas de escrita da antiguidade e, em seguida, faremos uma descrição a respeito do uso das cartilhas e métodos de alfabetização em nossa atualidade.

Pode-se possivelmente pensar a respeito do processo de alfabetização partindo do princípio de que esta surgiu na Antiguidade por meio da representação gráfica do mundo, através de um desenho e da representação gráfica de uma palavra, através da escrita. Nesse sentido, observamos que Cagliari (1996) usa de uma linguagem metafórica para ilustrar como isso poderia ter ocorrido.

Importa contextualizar que, quem inventou a escrita foi a leitura: um dia, numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando, animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano. Certo dia recebeu a visita de alguns amigos que moravam próximo e foi interrogado a respeito dos desenhos. Queriam saber o que representavam aquelas figuras e por que ele as

tinha pintado nas paredes. Naquele momento, o artista começou a explicar os nomes das figuras e a relatar os fatos que os desenhos representavam. Depois, à noite, ficou pensando no que tinha acontecido e acabou descobrindo que podia "ler" os desenhos que tinha feito. Ou seja, os desenhos, além de representar objetos da vida real, podiam servir também para representar palavras que, por sua vez, se referiam a esses mesmos objetos e fatos na linguagem oral. A humanidade descobria assim que, quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho; mas, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita (Cagliari, 1996, p.13, 14).

Para a realidade angolana não foge a regra da dinâmica fenomenal, pois, começa-se a pensar a respeito da metodologia alfabética depois da época da independência, isto é, 1975 em diante.

Pois, entende-se que, a educação em Angola diz respeito ao conjunto de elementos formais que se somam para formar do sistema de ensino do país, que mescla estabelecimentos de ensino público, privado e comunitário/confessional.

Dada a característica do país, de colonização e independência tardia, o sistema educacional angolano demorou sobremaneira para desenvolver-se, pautando-se em ciclos de franca expansão, com períodos de praticamente dormência. A independência da nação e sua subsequente vinculação ao bloco socialista, bem como as guerras colonial e civil, influenciou bastante no sistema de ensino da jovem nação.

Depois do estudo feito aos alunos da 2ª Classe, situados na Escola Primária nº3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda, diagnosticou-se as principais dificuldades dos professores no que tange aplicação de algumas técnicas de alfabetizar, tais como: falta de aplicação dos métodos activos por parte dos professores da 2ª Classe da escola em estudo situado no Município do Cazenga, Província de Luanda.

Ora bem, diante do exposto situacional da escola em questão, surgiu a seguinte pergunta de pesquisa:

“Qual é a importância da aplicação da Metodologia de Alfabetização para os alunos da 2ª Classe, na Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda?”

Hipóteses

Para Marconi e Lakatos (2012), as hipóteses são respostas antecipadas ou afirmações que antecedem a pergunta de partida ou fio condutor da pesquisa, no entanto, eis a seguir as hipóteses:

H1: Guia o professor indicando caminho, tornando o trabalho mais prático e mais científico e novas formas de ensinar alfabetizar;

H2: Fornece ao professor novos recursos de ensino e autonomia do aluno no processo de aprendizagem.

Objectivo Geral

➤ Analisar o processo de alfabetização e suas metodologias na 2ª Classe, Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda;

Objectivos específicos

- Alicerçar as bases teóricas sobre metodologia de alfabetização;
- Identificar as principais marcas pedagógicas da história da alfabetização;
- Descrever os princípios psicopedagógicos que norteiam o processo de alfabetização;
- Sugerir a direcção da escola e aos professores os principais métodos de alfabetização aos alunos da 2ª Classe da Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda.

Delimitação e limitação

a) O trabalho em questão, delimita-se Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda, no III Trimestre de 2022/2023.

b) O estudo limita-se ao director geral, pedagógico, professores e alunos.

Justificativa

O tema em questão, justifica-se pelo facto de ter um carácter profundo sobre a realidade da escola do ensino primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda, baseando-se a respeito das metodologias de alfabetização no processo de ensino-aprendizagem, mas, como também pode acontecer em outras unidades públicas ou privadas de ensino.

Durante o período de estágio na referida escola, percebeu-se que, para a realidade da escola em estudo, diagnosticou-se que, a causa da fraca assimilação

da literacia tem sido o uso dos métodos tradicionais por parte dos professores da escola em estudo.

O tema de estudo contribuirá bastante na nossa sociedade no que diz respeito sobre a importância da aplicação de novas metodologias de alfabetizar no processo de ensino-aprendizagem, visto que, hoje, a questão do diagnóstico da importância da aplicação dos métodos de alfabetização adequados no processo de ensino-aprendizagem é de extrema importância porque permitirá os especialistas em ciências de educação implementar políticas e técnicas do uso de diversos métodos que vão de encontro a realidade dos alunos.

O estudo em abordagem contribuirá para a classe académica, numa tentativa de entender qual é o papel dos gestores escolares, professores e especialistas em ciências da educação no incentivo de aplicação de outros métodos além do tradicional, pois, o professor deve aplicar todos os métodos possíveis para alfabetizar o aluno que está em processo de dinâmica.

Estrutura do trabalho

Capítulo I apresenta a fundamentação teórica, onde definimos alguns termos e conceitos do tema em estudo e outros aspectos que permitiram-nos fazer uma reflexão acerca das metodologias de alfabetização no processo de ensino-aprendizagem.

No capítulo II fez-se referência a metodologia aplicada na elaboração do trabalho de pesquisa, os métodos, os procedimentos de colecta de dado, as dificuldades que encontramos no decorrer da pesquisa.

O capítulo III apresenta a discussão e resultados. Tendo terminado com algumas conclusões e sugestões que possam dar abertura as próximas pesquisas sobre este tema.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições dos termos e conceitos

Para melhor compreensão do tema apresentam-se as seguintes definições de termos e conceitos.

Metodologia

Para Costa (2001), metodologia de pesquisa nada mais é do que a descrição do processo de pesquisa do trabalho. Isto é, a definição de quais serão os procedimentos para a colecta e para a análise de dados. Isso significa que delimitar uma metodologia não é adoptar um conjunto de directrizes fixas que se deve seguir à risca.

Segundo Montessori (1965), metodologia é o estudo dos métodos. Isto é, o estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim. Além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada uma forma de conduzir a pesquisa ou um conjunto de regras para ensino de ciência e arte.

Na visão de Teixeira (1999), metodologia é uma palavra derivada de “método”, do Latim “methodus” cujo significado é “caminho ou a via para a realização de algo.

Alfabetização

Para Perez (2002), a alfabetização é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de facto, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora.

Segundo Val (2006), define a alfabetização como sendo o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia.

Relys (2007), citada por Zamora (2010), defende que alfabetização é o processo social, instrutivo-educativo, formativo das habilidades de leitura e escrita como via de acesso do desenvolvimento da cultura e das potencialidades humanas.

Alunos

Segundo o dicionário Houaiss a palavra aluno conota-se como aquele que precisa de alimento e crescer dentro processo de aprendizagem. (2005, 173)

De acordo o dicionário de Aurélio de Língua Portuguesa (2013), traz outra contribuição sobre o significado de aluno, diz que é uma pessoa que recebe instrução e educação de algum mestre em um estabelecimento de ensino ou particular.

Para o dicionário contemporâneo, aluno (2005), significa que, é aquele que recebe doutrem educação e instrução

Ora bem, aqui compreende-se que, aluno é aquele que recebe conhecimento de um profissional que instrui.

1.2. Contexto histórico sobre alfabetização em Brasil

Não há como falar de alfabetização brasileira sem citar algumas cartilhas tais como: a Cartilha Sodré, Caminho Suave, Cartilha da infância etc., embora em épocas diferentes, elas, segundo Cagliari (1996), apresentam a mesma estrutura, ou seja, são compostas por letras, sílabas, palavras e frases curtas para facilitar a aprendizagem da leitura e da escrita.

As primeiras cartilhas escolares, até cerca de 1950, davam ênfase à leitura. O importante nesse momento era ensinar o “abecedário”. A leitura era feita através de exercícios de decifração e de identificação de palavras, por meio dos quais os alunos aprendiam as relações entre as letras e sons, seguindo a ortografia da época (Cagliari, 1996, p. 31).

A cartilha baseada na leitura passou por uma mudança radical a partir dos anos de 1950, quando a escola começou então a se dedicar à alfabetização dos alunos pobres, carentes de recursos materiais e culturais da vida familiar, que empregavam dialectos diferentes da fala culta. A ênfase passou a ser dada à produção escrita pelo aluno e não mais à leitura. O importante era aprender a escrever as palavras, a actividade escolar deixou de privilegiar a aprendizagem e passou a cuidar quase que exclusivamente do ensino, ou seja, àquilo que o professor deveria fazer em sala de aula (Cagliari, 1996).

A cartilha enfatizava o alfabeto, as palavras-chave, as sílabas geradoras e os textos já estudados. As famílias de letras passaram a ser estudadas numa ordem crescente de dificuldades. Completadas todas as letras, o aluno começava a ler seu livro de leitura, também programado de maneira a ter dificuldades crescentes, libertando aos poucos o aluno da cartilha levando-o a ler autores de textos infantis. Essa cartilha já trazia em si o esquema de todas as outras cartilhas que apareceram depois, até recentemente, caracterizando a alfabetização pelo estudo da escrita. (Cagliari, 1996).

Para Mortatti (2000) o processo de nacionalização do livro didático no Brasil acontece desde o final do século XIX, no qual as cartilhas eram produzidas por brasileiros e adaptadas à realidade brasileira.

De acordo com Mortatti (2000), as primeiras cartilhas brasileiras se baseavam nos métodos sintéticos, iniciando assim o ensino da leitura e da escrita com a apresentação das letras e seus nomes. Em seguida eram ensinadas as famílias silábicas e a ler palavras formadas com essas sílabas, enfim eram ensinadas apenas frases isoladas. Em relação à escrita, enfatizavam-se a caligrafia, a cópia, os ditados e a formação de frases, a ortografia e o desenho correto das letras. Contudo, observamos que, a partir do início da década de 1980, essa tradição passou a ser sistematicamente questionada, em decorrência de novas urgências políticas e sociais que se fizeram acompanhar de propostas de mudança na educação, a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças. Como correlato teórico-metodológico da busca de soluções para esse problema, introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizarse o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. (Mortatti, 2006, p. 10).

Assim, apesar do surgimento de obras classificadas como construtivistas, que tinham, como já vimos, em sua proposta educacional a aplicação dos ensinamentos de psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), o

processo de alfabetização continuava sendo programado mediante o uso do livro didático. Em outras palavras, buscava-se a junção da metodologia aplicada nos livros didáticos com a teoria de aprendizagem construtivista formando desta maneira uma espécie de “cartilha construtivista”. Existiam ainda, segundo Mortatti (2006), os defensores das tradicionais cartilhas, ou seja, queriam constituir paradoxalmente um método eclético ou misto entre a cartilha e as teorias construtivistas.

Há de se considerar, conforme afirma Mortatti (2000), que existe um paradoxo quanto à produção de cartilhas “construtivistas” ou “socioconstrutivistas” ou “sociointeracionistas”, já que de acordo com essas teorias a aprendizagem do aluno, ou ainda, a construção do seu conhecimento não se pauta por um “método” ou por algo pronto e acabado, como normalmente é o caso de uma cartilha. Ainda que os professores afirmem que elas serviriam apenas para a consulta ou para a preparação de suas aulas isso não corresponderia à proposta “construtivista” e/ou “interacionista”. Ainda, de acordo com essa autora (2000), não é produtor que o professor deixe de usá-la (cartilha) no seu sentido físico e continue desenvolvendo suas actividades quotidianas de maneira mecanizada e desinteressante. Ou seja, apesar de os alunos não possuírem uma cartilha nas mãos, é comum os professores passarem na lousa todo o conteúdo e os alunos copiarem em seus cadernos fazendo disso, portanto, “outra” forma de cartilha.

Para Ferreira (2006), as cartilhas oferecem um universo artificial e desinteressante. As palavras isoladas, aparentemente simples e sonoras encontradas nas cartilhas, do ponto de vista da assimilação das crianças, simplesmente não se ligam a nada. Portanto, a presente autora (2006) recomenda a utilização de textos sobre as actualidades, livros, histórias, jornais e revistas para estimular a compreensão da função social da escrita. Nesse sentido, Ferreira (2006) garante portanto que é fundamental o professor trabalhar com textos que tenham significados para a criança e de valor social.

1.3. Educação no contexto angolano

Como sabido, a independência angolana deu-se a 11 de Novembro de 1975, fruto de uma guerra entre oprimidos e opressores.

A educação (formal) em Angola, como noutros países africanos, não teve início somente na época pós-independência mas sim, esta situa-se já no período que vai de 1946 a 1974, caracterizada por políticas educativas centradas

fundamentalmente na restrição do ensino e na divisão dos estratos sociais. Era praticada por instituições religiosas, com maior destaque para as protestantes.

A educação (informal) praticava-se através da transmissão de experiências dos membros adultos da comunidade aos membros mais novos da mesma, dentro dos padrões culturais de cada região, fundamentalmente nas zonas rurais onde não era prioridade a implantação de infra-estruturas de ensino. As poucas escolas primárias existentes viam-se insuficientes para garantir o ensino para todos. Geralmente as escolas e liceus estavam localizados em grandes cidades, como Luanda, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Silva Porto.

As igrejas africanas modernas (Kimbanguismo e Tocoísmo) também deram o seu contributo para a transmissão de normas de conduta moral e cultural, como alavanca para uma educação para a cidadania e preservação do espírito de progresso para o desenvolvimento sustentável do país. O momento exigiu a participação de todos, porque era necessária a mudança das mentes dos cidadãos, fundamentalmente dos nativos.

Após a independência, Angola deu sequência das políticas educativas portuguesas em vigor, que privilegiavam o ensino até ao segundo grau, por falta de investimentos de ensino de qualidade e de quadros qualificados para evidenciar um sistema educativo devidamente estruturado. Previa-se, desde logo, grandes dificuldades para reestabilizar o sistema educativo, tendo em conta o contexto político, social, cultural e económico que o país atravessava, consequentemente, o elevado índice de analfabetismo.

Ora bem, entende-se que, Angola antes de tornar-se independente de Portugal o seu sistema educativo e as suas políticas eram bastantes dependentes do país colonizador em questão, depois da realização da independência em 1975, começou-se dar maior primazia a formação de quadros no sentido de garantia da qualidade da educação.

1.4. O processo de alfabetização em criança

Considerando o autor em relação ao processo de alfabetização inicial do desenvolvimento da aprendizagem da criança ou do adulto é relevante no momento em que os métodos utilizados são discutidos os quais permitem conhecer as relações que se processam entre sujeito e objecto. A partir das representações que a escrita assume no conhecimento da realidade é possível no indivíduo conhecer o mundo expresso através dos objectos.

Segundo Ferreiro (1995), a necessidade de representação mediante símbolos e expressa pela escrita em que o código auxilia os seres humanos no processo de comunicação, instalado na sociedade letrada. Através da escrita, é possível o indivíduo expressar o pensamento e historicamente esta invenção assume relevante papel no processo de escolarização do ser humano.

As dificuldades apresentadas no processo de alfabetização devem ser consideradas especialmente quando crianças passam a reinventar os sistemas de construção de símbolos, e nesse caso as relações entre o real e a sua representação são importantes na aquisição do saber. A escrita tipo alfabético assume destacado contexto no processo de socialização do ser humano, e nesse sistema de representações a acção alfabetizadora que é exigida no processo de alfabetização é importante ser considerado.

De acordo com a natureza que se revela quanto ao uso das palavras na representação dos objectos, os significados assumidos, no processo de alfabetização permite ao indivíduo representar a realidade e as consequências do modo de apropriação dos valores sócio – culturais assumem destaque especial na elaboração do quadro real em que se estabelece a relação homem e mundo na compreensão da realidade.

Segundo Ferreiro (1995), a alfabetização de criança é realizada sistematicamente levando-se em consideração os métodos de ensino aos quais ela se submete na pré-escola ou no contexto social em que vive. O saber que a criança adquire é proveniente dos condicionantes que se revelam no sistema de escrita, e nessa perspectiva sua compreensão se efetiva de acordo com as informações recebidas.

Observa-se nos aspectos construtivos da escrita, que as representações são expressas de acordo com as vivências que o indivíduo estabelece com o meio social em que vive, especialmente no caso das crianças, elas representam através do desenho, rabisco, situações reveladas no quotidiano. Assim, cada traço que ela faz é possível aproximar-se do real, e nesse contexto é assegurada a alfabetização a partir da compreensão do mundo que os sujeitos constroem.

De acordo com as considerações de Ferreiro (1995) a alfabetização visto numa perspectiva de adopção de conhecimentos ao indivíduo é uma actividade

intencional que se revela a partir da prática pedagógica isenta de neutralidade. São os métodos e técnicas empregadas no ato de alfabetizar que contribuem significativamente para auxiliar o sujeito a compreender as representações que lhe são apresentadas no cotidiano.

Deve-se destacar que a importância que o processo educativo realizado através da alfabetização assume na vida dos sujeitos, historicamente vivendo em situações conflituosas em que a leitura de mundo direciona seu pensar e agir socialmente. Supõe-se que os significados apresentados nas leituras contribuem para a reflexão de adulto nas condições materiais que vivem, proporcionando a oportunidade de realizações concretas de suas idéias anteriormente formuladas no cognitivo.

Pensa-se que as metodologias favoráveis à implementação da alfabetização de crianças precisam ser investigadas no sentido de adequá-las ao momento vivenciando por esses sujeitos, oportunizando o alcance de níveis qualitativos de aprendizado. Sabe-se que a condição do adulto, sua maturação e a interação ao meio social já estão consolidadas e nesse caso o processo ensino aprendizagem merece ser tratado de forma diferenciada da criança.

Segundo Ferreiro (1995), a criança vê mais letras por fora do que por dentro da escola, e no caso do adulto este é capaz de interagir em diferentes mundos nas atividades cotidianas que realiza, de modo que é preciso a escola interar-se do contexto sócio-cultural a fim de oferecer-lhe um processo alfabetizador em níveis qualitativos, pois o professor não é mais único que sabe ler e escrever na sala de aula, visto que todos trazem sua leitura de mundo que possibilita compreender a realidade segundo o modelo que lhe é apresentado.

Nas concepções apresentadas Por Ferreiro (1995), as populações carentes ao descreverem sua leitura de mundo o fazem segundo a vivência do cotidiano, expressa na aparência das coisas dos fatos que lhe são apresentados, e a ausência de reflexões profundas a respeito do quadro social e político reserva-lhes a condição de serem dominados e assim a escola oferecida ao adulto devem romper com as condições alienantes que se representam no meio social visando a sua emancipação como sujeitos construtores de sua própria história.

Pensar no desenvolvimento da leitura e escrita na alfabetização de crianças é buscar meios de rupturas com métodos e técnicas que reproduzem a ideologia dominante, uma vez que esses sujeitos tem consciência de sua condição de

dominados a partir do momento que não conseguem expressar seu pensar de modo escrito, ou por conseguir decifrar códigos linguísticos representados pelas letras.

O contexto sócio cultural vivenciado pelos sujeitos se apresentam como factores determinantes no processo de aquisição da leitura e escrita nessa perspectiva a alfabetização como meio de aprendizagem não pode ser efectuada ausente desses olhares, ma vez que o homem interage com o meio social e dependendo dessa relação sua vivencia é construída, de modo que a relevância da relação dialéctica entre homem e natureza é considerável. Segundo as reflexões expostas por Cagliari (1993), a escrita é algo que o ser humano se envolve desde cedo em sua vida, e de acordo com o contexto sócio – cultural que homem vive o aprendizado da escrita se efectiva segundo determinados padrões, assim, a sociedade letrada que vivemos exige o domínio da escrita e alguma actividades no quotidiano ela é necessária, sendo que a escola é o local onde é mais expresso sua presença.

Historicamente, o sistema alfabético sofre mudanças de acordo com o uso por uma quantidade elevada de pessoas numa determinada região geográfica, e nesse contexto pensa-se que a escrita evolui segundo os padrões sociais exigidos, de modo que os métodos de alfabetização ensinam a escrever de modo cursivo, onde a criança e o adulto devem ser educados para esta prática.

A padronização da escrita na sociedade em alguns casos tem dificultado o processo de aprendizagem de alunos na escola, visto que nos procedimentos metodológicos da alfabetização de adultos, deve-se considerar que esses sujeitos não vivenciaram a pré-escola, logo apresentam seus aspectos psicomotores diferentes e a dificuldade de escrita segundo o padrão cursivo às vezes é penosa.

De mesmo modo a escrita presente nos grupos sociais diferenciados da sociedade devem ser objectos de reflexão no momento que se concentram em meras actividades rotineiras. A participação do aluno no processo de construção da palavra, mediante a escrita é fundamental para manter o interesse no aprendizado, e nesse caso a escola que se objectiva alfabetizar o adulto deve fazer as necessárias adequações e seus métodos.

Outro factor que Cagliari (1993), aponta para a efetivação do processo de aquisição da escrita é a motivação que o professor deve ter para com o aluno, e no momento que esta se manifesta entre ambos é possível à aquisição do

conhecimento, pois as pessoas são motivadas a escrever aquilo que lêem, desde que o tema em questão seja revelador e desafiador a ela.

É importante analisar que a leitura por se constituir como uma interpretação da escrita apresenta relevância social na vida dos sujeitos e alguns a desejam para compreender o mundo, estar informado das condições que se expressam na sociedade, e assim é importante no processo educativo da alfabetização de crianças conhecer os condicionantes e os aspectos motivacionais que se entrecruzam na vida dos sujeitos a aquisição da leitura. Sem dúvida, no quotidiano das relações de dominação e submissão, é comuns as pessoas que não possuem o domínio da leitura e da escrita se excluïrem nos momento decisivos ou quando lhe é solicitado uma opinião sobre determinado assunto ou problema, pensa-se que a leitura e a escrita passam a ser considerados os instrumentos que os homens utilizam para viverem em sociedade.

Cagliar (1993), aponta para o carácter sistematizado realizado pela escola para ensinar a leitura e a escrita a criança através de formas herméticas que em muito casos inibem o poder criativo e resultam no aprendizado segundo o modelo dominante exigido. Assim, a presença das famílias de letras são apresentadas como alternativas favoráveis ao aprendizado, e segundo este autor essa deficiência do nosso sistema de escrita, no entanto, não cria grandes problemas, desde como falantes nativos da língua é possível supera as barreiras apresentadas.

Então é importante considerar que os sistemas de escrita, em geral, admitem variantes para as formas dos símbolos e das letras e a facilidade dos caracteres da leitura é possível ao aluno compreender de modo claro o significado que é expresso em cada símbolo. Também deve se considerar, na alfabetização da criança, que as mais recentes conquistas tecnológicas e os novos hábitos da vida moderna, rompe significativamente com o ato de alfabetizar de forma tradicional.

Sem dúvida, o ato de alfabetizar assumiu relevante espaço com a presença da tecnologia da comunicação e da informação que se expressa no cotidiano das relações homem – meio social, e nessa perspectiva é que deve ser pensada a alfabetização da criança assumindo-se na concepção dialética em conformidade com momento histórico em que esses sujeitos se encontram.

A realidade social dos sujeitos deve ser reflectida no sentido de discutir o processo de escolarização através da educação infantil, em que os valores apresentados da criança devem ser analisados cuidadosamente pela escola.

Especialmente os níveis sócio – económicos revelam importantes olhares no sentido de obstaculizar o desenvolvimento infantil, segundo as necessidades que se destacam em classes populares onde a renda mensal compromete a elaboração de programas educativos infantis.

De acordo com as considerações de Nicolau (1995) o educador ligado a educação infantil precisa desenvolver o olhar no processo no sentido de entender as variantes que impedem a realização do desenvolvimento da leitura e escrita, pois em diversos momentos, estes se revelam como essenciais objectos de investigação que demarcam a necessidade de novas acções pedagógicas, diante do quadro estabelecido na sociedade.

Os processos de alfabetização de crianças, em alguns momentos, estão isentos de análise do contexto social em virtude dessa fragilização o êxito passa a ser comprometido, resultando em muitas crianças deixarem a pré-escola com sentimento de que foram derrotadas em não conseguirem aprender. A visão expressa por Nicolau (1995) aponta para medidas a serem desenvolvidas pelo sistema educacional, oferecendo-se condições de realizar o processo educativo de acordo com os valores que se estabelecem na sociedade, em que as contradições se apresentam como medidas conciliatórias para promover a Educação Infantil.

Com relação a aprendizagem da escrita podemos dizer que as tarefas que o estudo dos problemas referentes a alfabetização propõe a didáctica, encontra-se, ao lado da necessidade de promover as condições necessárias para a aprendizagem, a necessidade de certas medidas no tocante aos procedimentos relativos a iniciação da escrita. A falta dos devidos cuidados com referência a estes procedimentos explica grande parte do fracasso escolar. Nos procedimentos didácticos é possível distinguir variáveis que directamente influenciam a relação professor-aluno-objecto de estudo, como outras variáveis que indirectamente afectam o processo de ensinar e aprender.

A questão dos procedimentos utilizados para alfabetizar, embora possa parecer susceptível de ser equacionada em termos das diferenças entre métodos analíticos e sintéticos, não se esgota com a diferença entre ambos. Contudo, a aquisição da linguagem escrita pressupõem o domínio do conjunto de actividades inerentes a leitura e escrita e de suas inter-relações, isto é, neste caso o objecto.

Para que o processo de aprendizagem da leitura e escrita alcance seu verdadeiro objectivo, é de fundamental importância que o professor tenha consciência da necessidade de valorizar a linguagem infantil, pois ela fornece instrumentos eficazes para um trabalho sistemático. O que percebemos, na realidade, é que a maioria dos manuais de alfabetização desconhecem o papel da linguística e este é um dos grandes factores que contribuem para o alto índice de reprovações.

Em síntese, há sala de aula, por um lado, práticas de leitura e escrita consideradas relevantes pelo professor, que possuem como característica principal a produção de um sentido escolar para os actos de ler e escrever. Livros de história, jornais, livros didácticos são todos trabalhados como “instrumentos” para ensinar a ler e a escrever, desconsiderando-se o carácter interactivo da leitura e da escrita, sua ligação com a vida e a história pessoal de cada leitor-escriptor. De outro lado, nesse mesmo espaço da sala de aula, encontram-se práticas de leitura e escrita que não são incentivadas pelo professor (e muitas vezes nem sequer legitimadas), mas que efectivamente acontecem entre as crianças. A leitura de imagens, os comentários que tecem entre si a respeito dos textos lidos, o esforço que fazem para superar suas limitações, demonstra o esforço das crianças para resgatarem o carácter dinâmico e intersubjectivo da leitura e da escrita.

Pensa-se que o processo de alfabetização da criança, segundo a perspectiva apresentada por Nicolau (1995), deve ser construído de acordo com as vivências estabelecidas no quotidiano da relação sócio – cultural em que ela vive, pois esse olhar é influenciador no processo de ensino e aprendizagem.

O processo de integração da criança se realiza efectivamente através da aquisição da leitura e escrita, visto que o uso da linguagem oferece a ela condições de expressar e internalizar acções e informações, favoráveis ao desenvolvimento humano numa perspectiva harmoniosa. Assim a alfabetização assume destacado papel no processo educativo da criança, influenciado por condicionantes sócio culturais que atuam decisivamente na relação indivíduo-sociedade.

Entender o processo de alfabetização das crianças através da leitura e escrita, condição esta fundamental a integração na vida social, oferece oportunidades de compreensão e respeito do universo da relação que influencia na

construção da existência da criança, e é neste momento que o desenvolvimento humano ocorre a partir do entendimento do significado do mundo. Segundo Freire (1982), a leitura da palavra precede a leitura do mundo, e nesse contexto revela-se que a criança em nenhum momento deve ser tratada como analfabeta, vazia de conhecimento da realidade que a cerca, contudo cabe aos educadores reflectirem em que bases educativas seu desenvolvimento cognitivo pode ser realizado.

Então a alfabetização de crianças sempre assume relevante objecto de estudo, indagações, problematizações, no momento em que as dificuldades contidas no processo de formação de professores voltados a alfabetização, se expressam como obstáculos que merecem ser transpostos na medida que as dificuldades de contextualizar o ensino da alfabetização se propaga na sociedade.

Quando a alfabetização de crianças é pensada, torna-se impossível deixar de lado o mundo infantil, mundo este caracterizado pelo brincar, imaginar, sonhar, e nesta viagem a criança idealiza um mundo construído sob o olhar da inocência, visto que a realidade da vida quotidiana em muitos casos ainda não apreendia claramente por ela. Contudo a Pré-escola, em diversos, momentos, busca domar a criança, modelando-a de acordo com as normas e regras que o sistema legitimou, resultando em algumas ocasiões na perda da formação do ser humano autônomo e emancipado socialmente.

Em geral, os educadores sabem que alfabetizar é uma tarefa difícil e sujeita as influencias de inúmeras variáveis, tais como factores pedagógicos, psicológicos, sociais, linguísticos e outros que na se relevam, explicitamente, porém somatizam na totalidade do processo tornando-se favorável seu estudo numa perspectiva científica, visando oferecer aos educadores, condições de intervir positivamente na elaboração de propostas conciliatórias que atendam a necessidade das crianças no estágio de alfabetização. Também quando é pensada no processo de alfabetização da criança, a discussão dos condicionantes sócio-culturais influenciadores no processo de aprendizagem se revelam, especialmente no momento que o processo de integração à sociedade se realiza, oferecendo nesse caso particular, a presença no meio social em educação.

Então, é a partir da superação da crença de que alfabetizar é meramente codificar e decodificar e da tomada de consciência a respeito do que significa realmente alfabetizar, que deseja-se avançar para uma concepção maior sobre os processos de alfabetização, que consideram os professores como mediadores e os

alunos como sujeitos dessa construção. Partindo-se de situações concretas reveladas, de acordo com o contexto sócio-cultural em que a criança se insere, o estudo proposto pode oferecer oportunidade de conhecimento no processo ensino-aprendizagem da alfabetização, oferecendo oportunidade de compreender de modo pleno o universo de aquisição do conhecimento no mundo infantil. É, a partir desse olhar que optamos em estudar o processo de alfabetização e suas metodologias. Sabendo-se que o processo de alfabetização e as metodologias usadas nesse processo são essenciais para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação, e que muitos não conseguem usufruir deste aspecto importante. Nos propusemos a pesquisar sobre este assunto, a fim de atender às exigências acadêmicas solicitadas, e principalmente adquirir conhecimentos e lançar subsídios através das experiências coletadas neste trabalho, contribuindo tanto a profissionais da área quanto a quaisquer leitores que se interessem pelo tema aqui tratado, colegas em processo de formação pedagógica e áreas afins.

Saber ler e escrever é condição básica para a aquisição de conhecimentos e para enriquecimento da capacidade de comunicação.

A alfabetização constituiu-se de um processo que envolve uma grande complexidade, daí a necessidade de considerar vários aspectos implícitos e suas relações, que podem influenciar certas condições para a realização da aprendizagem, ou contribuir para a ocorrência de muitos problemas.

Um dos primeiros aspectos que tem grande influencia é o linguístico, destacando sua importância dentro do processo de alfabetização e em seguida a metodologia utilizada.

Pois, não são raros os estudos que comprovam que o processo de desenvolvimento infantil depende individualmente de cada criança, ou seja, de suas experiências e das construções cognitivas que realiza no ambiente em que interage, e o educador nada mais é do que um mediador em todo esse processo, já que estimula o educando através de métodos que se adequem ao seu meio e o auxilie a ser o agente de sua própria aprendizagem. São poucas as escolas que têm priorizado a leitura, no sentido amplo, ou seja, possibilitar que a criança tenha conhecimento não só das letras, mas principalmente, do significado, já que somente desta forma terá capacidade de compreender, interpretar e transpor, oralmente, ou de forma escrita, seu entendimento e seu sentimento.

1.5. Teoria sobre aprendizagem construtivista para a alfabetização

No Brasil, a história da alfabetização está atrelada aos métodos de ensino, principalmente desde o final do século XIX, e isso indubitavelmente tem gerado várias teorias para um mesmo problema: a dificuldade das crianças em aprender a ler e a escrever, principalmente em escolas públicas.

Assim sendo, na história da alfabetização do Brasil há momentos marcantes em relação aos métodos de ensino inicial da leitura e da escrita, e ao contrário de aplicação de “métodos” temos a teoria da aprendizagem construtivista para a alfabetização desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1985). Entretanto, antes comentarmos sobre o construtivismo é conveniente apontarmos aqui alguns dos principais métodos de alfabetização utilizados historicamente para ensinar a criança a ler e a escrever.

Inicialmente, temos o método sintético em que, de acordo com Mortatti (2000), a aprendizagem da leitura e da escrita se baseava em uma questão mecânica, tratava-se de adquirir uma técnica para meramente decifrar o texto. O processo de aprendizagem da leitura era visto como uma associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos. Exemplo: O professor iniciava ensinando o traçado isolado de cada letra, e às vezes só partia dela, sem se preocupar com o significado da palavra como um todo ou do contexto desta em uma frase.

O outro método é o analítico que, conforme Mortatti (2000), surgiu em oposição ao método sintético. O método analítico encaminha o aluno para a realização de uma análise do todo que pode ser uma frase ou uma palavra para chegar às partes mais simples como as sílabas e do conhecido para o desconhecido. Exemplo: A professora inicia o seu trabalho de alfabetização com os alunos começando por uma determinada frase (João trabalha em uma fábrica de doce) e a partir daí dividi-a em partes menores extraíndo as palavras (trabalha) e chegando as unidades mais simples como as sílabas (tra-ba-lha).

Já outro método, o fonético, tem como propositor o linguista americano Bloomfield, que defende a aquisição da linguagem como um processo mecânico (Mortatti, 2000). O método fônico tem como objectivo fazer com que a criança internalize padrões regulares de correspondência entre o som e a soletração, através da leitura de palavras das quais ela venha a inferir as correspondências

entre soletração/som. Exemplo: A professora apresenta na lousa uma palavra significativa (ambulância) vinculada a uma imagem que representa esse objecto. Em seguida ela enfatiza, lendo em voz alta conjuntamente com os alunos, a relação entre o grafema e o fonema de cada sílaba ou letra (Am-bu-lân-ci-a, demonstrando que esta possui 5 sílabas e 10 letras). Outro exemplo pode ser dado a partir do momento em que o aluno completa a letra que estaria faltando na palavra (___bu___ci___), neste caso a professora poderia ir pronunciando juntamente com os alunos os sons e as sílabas ou letras. Além de se trabalhar com a grafia e com o som a professora já destaca também situações de aprendizagens que envolvem: consoantes e vogais, letras maiúsculas e minúsculas, letra cursiva e em bastão e assim por diante.

Entretanto, em oposição à aplicação de tais métodos mencionados acima, podemos dizer que, de acordo com a teoria da aprendizagem construtivista, inspirada na concepção piagetiana de epistemologia genética (Ferreiro e Teberosky, 1985), o professor, ao invés de apontar “os erros” e fornecer a “resposta correta”, deve questionar as respostas oferecidas pela criança e desta maneira fazer com que ela perceba as suas limitações. Ou seja, é importante permitir que a criança desenvolva suas próprias teorias e hipóteses sobre o que está sendo investigado.

Ferreiro, acerca de suas pesquisas experimentais, discute em suas obras “Psicogênese da língua escrita”, desenvolvida em conjunto com Ana Teberosky (1985), “*Reflexões sobre alfabetização*” (2001) e “*Alfabetização em processo*” (2006) as concepções da criança sobre o sistema de escrita.

Antes de Emília Ferreiro as discussões a respeito da alfabetização giravam em torno apenas dos métodos utilizados: analítico, sintético ou fonético. Para muitos educadores a alfabetização inicial era somente a relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança, ou seja, se a criança estava pronta, se ela tinha compreensão suficiente e se estava na idade certa para aprender. Mas, conforme essa autora (2001) os métodos não oferecem mais do que sugestões ou conjunto de proibições. Assim sendo, as teorias desenvolvidas por Emília Ferreiro e sua colaboradora Ana Teberosky (1985) deixam de fundamentar-se em concepções mecanicistas sobre o processo de alfabetização, para seguir os pressupostos construtivistas de Piaget.

A revolução no processo de alfabetização ocorre justamente no fato de se explicar “como as crianças aprendem”: elas passam por etapas, até se apossarem do código linguístico e desta maneira dominá-lo. Nesse contexto, o objetivo primordial de Ferreiro e Teberosky (1985) jamais foi rotular as crianças e sim orientar os educadores frente às evoluções cognitivas de seus alunos.

Deve-se considerar que Ferreiro não criou um método de alfabetização, como os demais mencionados acima, e sim estudou como se realiza a construção da linguagem escrita na criança. Para esta autora, a escrita não resulta de simples cópia, mas deve ser um processo de construção pessoal. (Ferreiro, 2001).

Tanto as descobertas epistemológicas de Piaget (1971) como as de Ferreiro (1985) na área educacional nos levam a conclusão de que as crianças desempenham um papel activo no processo de aprendizagem, ou seja, elas constroem o próprio conhecimento, e o professor serve com um provocador para que isso ocorra.

Assim sendo, há uma mudança de concepção conceitual onde o foco da alfabetização muda da escola para o aluno que aprende. Há um deslocamento do eixo das discussões dos “métodos de ensino” para o processo de aprendizagem da criança. E o construtivismo passa a ser apresentado não como um “novo método”, mas como uma revolução conceitual, levando os educadores a abandonarem as teorias e práticas tradicionais, “desmetodificando” o processo de alfabetização e questionando a necessidade do uso das cartilhas.

No entanto, é necessário levarmos em consideração as críticas elaboradas por Soares (2003) quanto a essa mudança de concepção conceitual, ou seja, de que a partir do surgimento da proposta construtivista não seria mais preciso existir método de alfabetização. A presente autora reconhece o fato de que a criança “vai construindo hipóteses a respeito da escrita e, com isso, vai aprendendo a ler e a escrever numa descoberta progressiva” (Soares, 2003, p. 17). Por um lado, portanto, isso implica que não podemos descartar a ideia de que essa criança vai construindo o seu conhecimento. Mas, por outro lado, também não podemos desmerecer a importância da praticidade dos métodos ou de técnicas da escrita que auxiliam as professoras na relação do ensino-aprendizagem.

Para tanto, observamos que, os métodos viraram palavras. Ninguém podia mais falar em método fônico, método silábico, método global, pois todos eles caíram no purgatório, se não no inferno. Isso foi uma consequência errônea dessa mudança de concepção de alfabetização. Por equívocos e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou a menosprezar a especificidade da aquisição da técnica da escrita. Codificar e decodificar viraram nomes feios. 'Ah, mas que absurdo! Aprender a ler e escrever não é aprender a codificar e decodificar'. Aí é que está o erro. Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e a escrever. Lingüisticamente, ler e escrever é aprender a codificar e a decodificar. (Soares, 2003, p. 17).

Enfim, Soares (2003) não considera que haja incompatibilidade na postura do alfabetizador em adoptar a teoria construtivista e um determinado método, já que ambos se complementam. Conforme a concepção pedagógica dessa autora, antigamente tínhamos o método sem a teoria e actualmente possuímos a teoria sem um método, nesse caso, "(...) é preciso ter as suas coisas: um método fundamentado na teoria e uma teoria que produza um método". (SOARES, 2003, p.17).

1.6. Processo de ensino-aprendizagem

Segundo Piletti & Piletti, (2006), desde os primórdios contextual primitivo do surgimento do homem, o processo de ensino-aprendizagem sempre foi e, será um binómio que coloca-se quando imagina-se a actividade do professor dentro do contexto educativo. E nesta ordem de ideias, é verdade que se compreende que um professor ao ensinar deve também educar, resta saber se o processo de ensino-aprendizagem existiu sempre, ou vem depois de alguns passos de desenvolvimento da educação, logo que esta se tornou numa necessidade com a sedentarização e o surgimento do modo de vida social dos homens.

Para os autores Piletti & Piletti, (2006), na sociedade primitiva (de caçadores e colectores) todos os adultos educavam todas as crianças directamente no processo mesmo da vida e do trabalho e do trabalho junto com os adultos. Mas a medida que o trabalho se desenvolvia, começa a haver excedentes de produção e, assim, aparece a divisão de trabalho e, conseqüentemente, a especialização do

trabalho: por exemplo, o ferreiro faz a enxada para o agricultor e recebia parte da sua produção.

No âmbito do processo de formação do homem, os termos educação e instrução são inseparáveis. De facto, a instrução é a transmissão/mediação de conhecimentos, capacidades, habilidades; podemos também defini-la como sendo o processo e o resultado da assimilação de conhecimentos sistemáticos, assim como das acções e procedimentos inerentes a eles. Por seu turno, a educação, pela sua característica fundamental, é o desenvolvimento/formação de comportamento, atitude e convicções; isto é, a formação de traços/sinais da personalidade.

Assim, é impossível, no verdadeiro sentido, educar sem instruir e vice-versa, daí que, como se reflecte na figura abaixo, a educação e a instrução estão intrinsecamente unidos e se relacionam dialecticamente no PEA, apesar de que o alcance dos objectivos da educação é resultado mais que o ensino, é resultado de todo o conjunto de influências que actuam sobre o aluno/educando.

A instrução tem como enfoque principal o objectivo de desenvolver nos alunos o saber e o saber fazer, enquanto quando falamos da educação se tem em vista o desenvolvimento do saber ser e estar. Mas como vemos na figura, ao realizarmos a educação, ao mesmo tempo se instrui (quem poderia ser bem educado diante de pessoas idosas se não pudesse lembrar, enunciar, as regras principais de comportamento que se espera desse indivíduo diante dessa situação?); o mesmo vejo que ao instruir (ex.: para condução de uma viatura) o indivíduo deve ser educado para o respeito das normas (neste caso, de trânsito rodoviário), sem as quais a condução automobilística se transformaria num autêntico problema para a circulação e bem-estar das pessoas.

No entanto, percebe-se que, o processo de ensino e aprendizagem, desde o surgimento do homem sempre funcionou como uma fórmula de binómio relacional entre professor e aluno, implicando que, não pode existir professor sem aluno e vice-versa.

1.7. A escola como instituição

É importante contextualizar que durante muito tempo, a escola foi um meio de educação dirigido somente a algumas pessoas, classes e grupos privilegiados. A posição do Estado relativamente à educação escolar era de desinteresse e de alheamento (Pires, Fernandes, & Formosinho, 1991:78).

A partir do século XX, e como consequência indirecta das resoluções liberais ocorridas nos países europeus, o estado começa a encarar a educação formal como tendo um papel essencial no progresso e harmonia social e, desta forma, universaliza a escola é o local por onde todos devem passar (Pires et al., 1991:78). No século passado, a escola começa a ser construída como uma instituição formal e da responsabilidade do Estado, balizada por normas e regras impostas hierarquicamente. Passa a ser considerada um contexto essencial para o processo de desenvolvimento e de socialização do indivíduo (Pires et al 1991), constituindo-se como um direito que pressupõe a sua obrigatoriedade e gratuidade. No seu reconhecimento enquanto poderosa agência de socialização, passa a acentuar-se que a escola deveria estar ao serviço da democracia, proporcionando aprendizagens relevantes, transmitindo valores congruentes, estruturando oportunidades para o exercício da participação e do poder democrático (Lima, 1998:140).

O conceito de instituição refere-se a idade de estar na escola, as funções sociais da escola, ao ensino e as aprendizagens que nela têm lugar, em fim as características gerais partilhadas por todas as escolas, típicas dos processos educativos escolares e de um tempo, de uma idade e de um estatuto social particulares (Lima, 1998: 48) contudo, o estabelecimento de ensino não é somente uma instituição, é também uma organização, pois, neste contexto emerge obrigatoriamente o seu carácter organizacional e os processos organizativos que lhe são inerentes e que a escola necessita de actualizar a reunir professores e alunos no quadro de uma unidade social (...), com determinados objectivos a atingir e processos e tecnologias como forma de os alcançar estruturando hierarquias e poderes de forma de comunicação. (Lima, 1998:140).

O fenómeno de democratização de ensino, no qual predomina um conjunto de valores identificados com a classe dominante ou de critérios culturais dominantes (Bordiel & Passeron, 1970, citado por Dia,1993), com objectivo de socializar os indivíduos no sentido de lhes proporcionar a sua devida integração na sociedade, trouxe consequências, na medida em que a sua homogeneização (educar de um modo igual todos os indivíduos) não permitiu responder as necessidades individuais, levando a um acréscimo significativo do insucesso escolar.

Em consequência, e nas palavras de Estaço (2001:31), à massificação do acesso não tem correspondido a massificação do sucesso, na escola democrática, a experiência de insucesso continua a ser mais marcante que a de sucesso. Barroso (1995, citado por Estaço: 2001:33) apresenta como uma das causas desde insucesso a forma de organização das escolas que ao ter como principal objectivo “ensinar a muitos como se fosse um só”, conduziu à homogeneização dos alunos e à uniformização das práticas pedagógicas (...).

Esta desatenção, relacionada com a diversidade social da população escolar, onde se encontra lado a lado, crianças e jovens que pertence a diversas classes sociais, assim como estudantes oriundos de diversos grupos étnicos (Lourenço & Paiva, 2004: 15), leva Soussan (1988, citado por Lourenço & Paiva, 2004: 28), a defender que enquanto certos alunos são instruídos, outros são apenas socializados e, por conseguinte, a vida escolar não reforça se não a desigualdade na escola.

Actualmente, a função intencional de transmissão do saber cultural estão associadas outras funções, nomeadamente a função pessoal de apoio aos alunos para suporte de integração na vida escolar (apoio pedagógico, apoio psicológico) (Formosinho, 2001:7), a função política de preparação dos cidadãos para a democracia, a função económica de preparação dos trabalhadores para o mercado de trabalho, a função social de igualização de oportunidades (Estrela, 2002:37). De facto, a escola tem sido atribuído um manancial de funções e papéis, fruto de abruptas mudanças que rapidamente se têm verificado na sociedade e as quais têm tido dificuldades em responder, por este motivo, vários autores têm caracterizado a escola como estando em crise (Pires, 1988, citado por Jesus, 2000:34). E sem objectivos (Reimer 1971, citado por Jesus, 2000:34).

Como resultado, acentua-se a necessidade de dar um novo sentido a escola, com objectivo de aperfeiçoamento da comunicação e para um sentido pessoal e interpessoal da escola, permitindo o desenvolvimento humano através de relações interpessoais agradáveis para os agentes mais directamente envolvidos na educação escolar, os professores e os alunos (Jesus, 1989, citado Jesus, 2000:35).

Além disso, segundo Estaço (2001:65), a construção de sentido (da escola) passa pela assunção da responsabilidade social e ética da escola como instância primeira da educação moral e cívica, de educação para a responsabilização social e

participação democrática. Inerente a esta necessidade de um novo olhar e de um novo significado atribuir à escola da qual não se espera somente que assegure a transmissão do saber, mas também que incentive a recriação-criação do saber (Estrela, 2002:39), revela-se fundamental transformar a forma de conceber o processo de ensino e aprendizagem e a relação pedagógica.

Em consequência, escolas e professores terão de assumir como princípio que os estudantes não formam um público uniforme de comportamentos, de sentimentos, objectivos individuais e preparação anterior idênticas, com o qual o acto de ensinar-aprender se materialize numa simples transmissão de conhecimentos (Lourenço & Paiva, 2004:15). A construção da escola de massas levou a promoção das dimensões morais e relacionais da actividade docente, acentuando o seu carácter de ajuda e, em simultâneo, uma acção de ensino e uma acção de cuidados, devendo os professores ser conceptualizados como agente de desenvolvimento humano (Formosinho, 2001:8).

Nesta medida, os professores terão de perceber a necessária revolução que à escola actual exige, onde socializar e instruir através de esforço de educar têm de ter prioridades. Assim, é necessário que inovem, que encontrem novas estratégias do ensino que apoiem as iniciativas dos alunos de forma a transformá-los em verdadeiros autores da mutação que é necessária (Lourenço & Paiva, 2004:106). Os autores salientam a necessidade de, no âmbito da formação de professores, ser essencial a valorização tanto do domínio da produção na sala de aula, como também do domínio relacional. Os alunos terão de compreender, finalmente, que a escola poderá ser diferente, e se eles se empenharem na sua mudança.

A escola é perspectivada como uma unidade cultural, na qual se aglomeram saberes, crenças, valores formas de fazer, de actuar e de resolução de problemas que orientam a sua acção. É encarada também como um sistema pois, neste contexto, desenvolvem-se actividades sociais e culturais mediadas por vários autores: professores, alunos, pais, comunidades. Em consequência, a potencialidade educacional deste sistema institucional é medida pela qualidade das relações e este mantém com todas as outras estruturas. Assim sendo, e tendo em conta que a educação é, antes de tudo uma actividade social, esta não se pode desenvolver a margem de algumas relações interpessoais estruturadas (Coll & Miras, 1996:265). Neste sentido vários são os agentes relacionais e os fenómenos interpessoais que se desenvolvem no contexto escolar.

1.8. Importância da metodologia de alfabetização

A pedagogia tradicional ainda é muito utilizada, mas não é a única forma de ensinar. Existem diversas metodologias colaborativas que estão transformando a educação.

A metodologia escolhida guiará os professores nesse processo, indicando novas formas de ensino e, às vezes, até mesmo novos recursos de aprendizagem. Além disso, é fundamental para tranquilizar os pais a respeito do que é transmitido aos seus filhos.

A metodologia nos possibilita escolher o melhor caminho, tornando o trabalho/estudo mais prático e mais científico, além de resgatar nos alunos o pensar. O conhecimento para ser feito precisa de uma ordem e a metodologia te dá essa ordem, fazendo com que você consiga chegar ao fim de uma forma mais organizada.

Dentre os benefícios da aprendizagem ao longo da vida está o aumento da produtividade. Afinal, com conhecimento e repertório atualizados, uma pessoa terá mais e mais agilidade para contornar um desafio e resolvê-lo com eficiência.

As metodologias de ensino têm um papel fundamental no processo de incremento da autonomia do aluno na aprendizagem. "Elas integram estratégias, técnicas e atividades voltadas a diferentes situações didáticas vividas em sala de aula, tendo como objetivo propiciar condições para que o aluno possa se apropriar dos conhecimentos propostos pelo professor.

Os métodos sua aplicação dependem muito da iniciativa do professor e de seu envolvimento com o ato pedagógico. Mas que, com certeza, dependendo da forma como são planejados e desenvolvidos, poderão mudar a postura dos alunos e incrementar muito o processo de aprendizagem.

1.9. Os métodos mais usados

Dentre as metodologias diversas de ensino vigentes existente na escola, a tradicional é a mais comum de se encontrar.

a) Método Tradicional

A metodologia tradicional de ensino se consolidou no século XIX a partir das ideias do filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841) sobre a transmissão

do conhecimento. Herbart queria organizar a multiplicidade de interesses do aluno e direcioná-la ao ensino e aprendizagem.

Um dos mais usados na graduação é o método tradicional, no qual o professor é o sujeito activo no processo de ensino-aprendizagem, repassando seu conhecimento aos alunos, normalmente por meio de aula teórica.

No método tradicional de ensino, o educador é considerado figura central e único detentor do conhecimento. Este, por sua vez, é repassado aos estudantes em aulas expositivas. Nesse modelo, o estudante é reduzido a espectador em sala de aula. A ele, cabe apenas memorizar e reproduzir os saberes.

b) Método Montessori:

O Método Montessori foi baseado em pesquisas científicas e empíricas desenvolvidos pela médica e pedagoga Maria Montessori.

O Método O objectivo do método é unir o mundo externo e interno à criança, tudo que a rodeia e tudo o que acontece dentro dela, de forma que ela tenha liberdade e autonomia de criar, descobrir, experimentar, aprender de forma espontânea e no seu próprio ritmo, sem imposições ou regras, mas de modo que ela expresse a sua personalidade e desejos, criando seu próprio estilo de aprendizado, de forma leve e feliz.

Montessori foi baseado em pesquisas científicas e empíricas desenvolvidos pela médica e pedagoga Maria Montessori.

É caracterizado por uma ênfase na autonomia, liberdade com limites e respeito pelo desenvolvimento natural das habilidades físicas, sociais e psicológicas da criança. Nesse Método, é levado em consideração o desenvolvimento de cada aluno de forma individual.

De acordo com sua criadora, o ponto mais importante do método é, não tanto seu material ou sua prática, mas a possibilidade criada pela utilização deste, de se libertar a verdadeira natureza do indivíduo, para que esta possa ser observada, compreendida, e para que a educação se desenvolva com base na evolução da criança. A criança é o centro do método montessoriano. O professor tem o papel de acompanhador do processo de aprendizado. Ele guia, aconselha, mas não dita e nem impõe o que vai ser aprendido. A pedagogia Montessoriana insere-se no movimento das Escolas Novas. Tal como a pedagogia Waldorf, o método João de Deus, o método velaverde, Jena Plan ou a Escola Moderna, o método Montessori opõe-se aos métodos tradicionais que têm o adulto como o centro e trabalham com

estágios desenvolvimento evolutivo da criança de modo mais fixo. O método ocupa um papel de destaque no movimento das Escolas Novas, devido às novas técnicas que apresentou para os jardins de infância e para o ensino fundamental. pela criança.

O material criado por Montessori tem papel preponderante no seu trabalho educativo, partindo do concreto (o material didáctico) para o pensamento abstracto. A criança vê e sente o objecto de estudo através do material didáctico, e deixa de usar o material quando a abstracção para o tema aprendido já é completa. O meio preparado e o material didáctico têm como função estimular e desenvolver na criança um impulso interior que se manifesta no trabalho espontâneo do intelecto.

Características de uma Escola Montessoriana

O ambiente é organizado e atraente, pois, é composto por materiais didácticos e utensílios da vida quotidiana (para fins didácticos). As classes são agrupamentos de alunos com diferentes idades.

O professor atua como guia, acompanhante do processo de aprendizagem e interfere só o necessário.

Material multi sensorial e aprender fazendo são hábitos de aprendizagem.

Cada aluno tem oportunidade de escolher o trabalho (a actividade) que mais lhe interesse. A ênfase é na aprendizagem activa e no desenvolvimento social em lugar de memorização, regras e busca de informação para uma única pergunta específica.

O aluno pode trabalhar o tempo que necessite num assunto que lhe interesse, sem que alguém ou uma campainha o interrompa. O aluno tem o direito de escolher um lugar para trabalhar em vez de um lugar fixo. A criança tem o direito de escolher se vai trabalhar só ou em grupo e com quem vai trabalhar.

Os alunos são estimulados a ensinarem, colaborarem e ajudarem uns aos outros. Os alunos têm oportunidade de trabalharem com outros de diferentes idades. Os alunos demonstram respeito aos professores e ao ambiente. Todos os adultos demonstram respeito pelo aluno.

Materiais de Desenvolvimento

Na pedagogia montessoriana, utilizam-se objectos desenvolvidos para "auxiliar a criança a no por ordem em seu espírito e facilitar-lhe a compreensão das inúmeras coisas que a envolvem.

O material didáctico é dividido em cinco áreas:

- Exercícios de Vida Prática
- Material Sensorial
- Material de Linguagem
- Material de Conhecimento de Mundo "Cosmo" (História, Ciências e Geografia)

Estes materiais são constituídos por peças sólidas de diversos tamanhos, formas e espessuras diferentes; colecções de superfícies de diferentes texturas e diferentes sons. Tudo visando o prazer absoluto do aluno e atendendo as capacidades e necessidades da criança.

O trabalho com o material montessoriano pode ser feito individualmente ou de forma colectiva, de acordo com a vontade da criança. A criança não está presa a um lugar fixo na sala de aula, portanto ela pode trabalhar com o material em um tapete no chão, que estará disponível nas salas montessorianas ou em mesas baixas (adaptadas de acordo com a faixa etária das crianças). Com a prévia autorização da professora ela também pode trabalhar em outra sala da escola.

No trabalho com esses materiais a concentração é um factor importante. As tarefas são precedidas por uma intensa preparação, e, quando terminam, a criança se solta, feliz com sua concentração, comunicando então com seus semelhantes num processo de socialização.

A livre escolha das actividades pela criança é outro aspecto fundamental para que exista a concentração e para que actividade seja formadora e imaginativa. Essa escolha realiza-se com ordem, disciplina e com um relativo silêncio em consideração à perturbação dos professores.

O silêncio também desempenha papel preponderante. A criança equilibrada emocionalmente pelo próprio método, aprende a expressar-se de modo natural e adequado à situação. O professor também expressa-se de forma natural, em tom adequado. Como o professor não atua de forma frontal com sua classe, mas como

orientador individual ou de pequenos grupos, este não tem necessidade de trabalhar com tom de voz elevado.

Pés e mãos tem grande destaque nos exercícios sensoriais (não se restringem apenas aos sentidos), fornecendo oportunidade às crianças de manipular os objectos, sendo que a coordenação se desenvolve com o manuseio dos citados instrumentos.

Exercícios da vida prática

Para os exercícios da vida prática são usados todos os utensílios domésticos, levando em consideração o tamanho e a idade da criança. Exemplo: jarras pequenas para se aprender a servir água e suco, sapatos infantis para se aprender a amarrar e calçar, vassouras e rodos para aprender a limpar o espaço utilizado. Deste método pedagógico vem a ideia de que os móveis na educação infantil devem ser adequados ao tamanho da criança, conceito este que usamos hoje no nosso ensino tradicional.

Segundo proponentes desta perspectiva pedagógica, o método Montessori contaria com seis princípios responsáveis por formar a base da teoria e prática desta pedagogia. Seriam eles:

Auto-educação seria a capacidade inata da criança para querer aprender. Por compreender que a criança deseja absorver e compreender a realidade que a circunda, e que por isso a criança a explora, investiga e pesquisa, o método Montessori proporcionaria um ambiente adequado e materiais interessantes para que a criança possa se desenvolver por seus próprios esforços, no seu ritmo e seguindo seus interesses.

Educação cósmica é uma maneira de organizar o conhecimento. De acordo com este princípio, o educador deve levar o conhecimento à criança de forma organizada – cosmos significa ordem, em oposição a caos, estimulando sua imaginação e evidenciando que tudo no universo tem sua tarefa e que o ser humano deve ser consciente de seu papel na manutenção e melhora do mundo.

Educação como ciência é a maneira de compreender a criança e o fenômeno educativo de acordo com Montessori, e defendida pela ciência de hoje. Em Montessori, o professor utiliza o método científico de observações, hipóteses e teorias para entender a melhor forma de ensinar cada criança e para verificar a eficácia de seu trabalho no dia a dia.

Ambiente Preparado é o local onde a criança desenvolve sua autonomia e compreende sua liberdade em escolas e lares montessorianos. O ambiente preparado é construído para a criança, atendendo às suas necessidades biológicas e psicológicas. Em ambientes preparados encontram-se mobília de tamanho adequado e materiais de desenvolvimento para a livre utilização da criança.

Adulto Preparado é o nome que se dá, em Montessori, para o profissional que auxilia a criança em seu desenvolvimento completo. Esse adulto deve conhecer cientificamente as fases do desenvolvimento infantil e, por meio da observação e do domínio de ferramentas educativas de eficiência comprovada, guiar a criança em seu desabrochar, de forma que este se dê nas melhores condições possíveis.

Professor acompanhador O papel do professor na escola montessoriana é de guia e acompanhador de desenvolvimento infantil e não o que impõe ou dita o que e como deve ser aprendido.

Criança Equilibrada é qualquer criança em seu desenvolvimento natural. Por meio da utilização correta do ambiente e da ajuda do adulto preparado, as crianças expressam características que lhes são inatas. Entre outras, encontram-se o amor pelo silêncio, pelo trabalho e pela ordem. Todas as crianças nascem com estas características e as desenvolvem melhor entre zero e seis anos.

c) Método Freiriano

O método freiriano foi desenvolvido pelo educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) na década de 1960 na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte.

A pedagogia freiriana defende uma educação que desperta no educando a consciência crítica das situações política, econômica e social em que está inserido, como sendo verdadeiramente uma Educação como Prática da Liberdade (Cortella, 2011).

Mediante esse processo, Feitosa (1999) explica que a proposta pedagógica de Freire pode ser dividida em três etapas principais: Investigação, tematização e problematização.

A princípio, o seu foco era a formação de jovens e adultos. Isso porque Paulo Freire colocou o método em prática pela primeira vez na alfabetização de cortadores de cana. Na época, 300 adultos foram alfabetizados em 45 dias.

Atualmente, a metodologia freireana não costuma se empregada em escolas do Ensino Básico, pois o seu foco não é a alfabetização de crianças. Além disso, por questões diversas, outros métodos de alfabetização tiveram influência no Brasil.

Alguns conceitos da pedagogia de Paulo Freire, porém, influenciaram outros métodos de alfabetização, o que faz com que a pedagogia freireana seja citada e referenciada em diversos estudos acadêmicos.

O método Paulo Freire ainda gera dúvidas sobre a sua aplicação e pertinência. Então, respondemos as perguntas mais frequentes sobre ele, confira: O método Paulo Freire de alfabetização foi inovador na época porque ele não utilizou o sistema de cartilhas para a alfabetização, isto é, em vez do aluno aprender as letras a partir de sons e letras parecidas, como “a viúva viu a uva”, o professor deveria identificar, antes, o universo vocabular dos estudantes.

A partir desse vocabulário, o professor deve estabelecer conexões, no caso de Paulo Freire, que ensinava lavradores, os exemplos são “enxada”, “plantação”, “feijão”. Assim, o sistema de letras e de sons devem fazer parte do dia a dia do aluno, ajudando ele a assimilar a letra com a fala.

Tais considerações foram inovadoras, pois a figura do professor deixou de ser o centro de conhecimento em uma sala de aula, já que o universo do aluno passou ser considerado como válido para o processo de ensino.

Essa ideia é chamada de dialogismo: um processo de diálogo entre o professor e o aluno para que o aprendizado seja efetivo. Além disso, a proposta freireana pode ser dividida em três etapas principais: investigação, tematização e problematização.

Na primeira, de investigação, o professor identifica quais são as palavras e os temas centrais da vida do aluno. Na segunda, de tematização, o professor deve buscar o significado social dessas palavras e desses temas, auxiliando o aluno a formar consciência sobre o mundo em que vive.

Por fim, a última etapa é a da problematização, em que o aluno e o professor devem superar uma visão “mágica” do mundo em que vivem para adquirir outra que seja crítica, capaz de transformar o contexto vivido pelo aluno.

Segundo Paulo Freire, educar é humanizar. Em outras palavras, educar é o ato de aperfeiçoar as pessoas, pois se o ser humano nascesse perfeito, ele não precisaria ser educado.

Por isso, educar é também reconhecer que a natureza humana é incompleta e que precisa ser aperfeiçoada. Além disso, no conceito freireano, os humanos são educados em contato com outros, sendo mediados por algum objeto de conhecimento, no caso, a própria realidade vivida por eles.

Dessa maneira, o dia a dia do aluno é um aspecto central no processo de alfabetização. Além disso, educar não é apenas o ato de ensinar aspectos formais e técnicos, mas é também desenvolver a capacidade de compreensão sobre a realidade para que ela seja transformada.

Assim, o ato de educar não é instrumentalizar o aluno, mas qualificá-lo para a compreensão da realidade e para a ação no contexto em que ele está inserido.

O processo de alfabetização segundo Freire

Freire desenvolveu mais uma proposta de alfabetização do que um método, já que a dinâmica proposta por ele deve ser reformulada de acordo com cada turma, não sendo, então, um método fechado, com padrões pré-definidos.

Nesse sentido, a educação freireana possui conceitos centrais a partir dos quais a educação, em geral, e a alfabetização, em específico, devem ser desenvolvidas.

Podemos citar a criação do “círculo de cultura”, que é uma dinâmica na qual o professor incentiva os alunos a falarem sobre as próprias vidas e experiências, o que ajuda o professor a identificar o vocabulário dos alunos, além de incentivar o diálogo entre todos.

Após essa etapa, o professor deve definir o material que será usado no processo de alfabetização desse alunos. Esse círculo possui, então, as três etapas citadas por Paulo Freire, já que é feita uma identificação do vocabulário da turma, seguido de uma tematização, por meio de uma conversa entre os alunos e o professor, e se encerrando com uma problematização sobre o mundo que chama os alunos para a ação.

d) Método Construtivista

A metodologia construtivista entende que a principal função da sala de aula é estimular o aprendizado dos estudantes e incentivar a participação activa dos mesmos - seja por meio de intervenções ou exposição de suas respectivas opiniões sobre determinado tema.

O construtivismo é uma visão da aprendizagem baseada no princípio de que o conhecimento não é algo que pode ser simplesmente dado pelo professor na

frente da sala aos alunos em suas mesas. Em vez disso, o conhecimento é construído pelos alunos através de um processo activo e mental de desenvolvimento.

As principais características do movimento construtivista foram: Rompimento com a arte clássica, tradicional e acadêmica. Utilização de outros suportes, colagens e objectos (pré-fabricados e de uso comum: madeira, plástico, ferro, vidro, arame, etc.) Arte Geométrica, abstracta e tridimensional.

e) Método sócio-interacionista

Chamado de “sócio-interacionismo”, essa concepção prioriza a relação social e cultural da pessoa com o meio em que está inserida, estimulando uma aprendizagem activa. Ou seja, a interacção com o meio em que vive e com outras pessoas é de extrema importância e é por intermédio dela que se dá o aprendizado.

A proposta sócio-interacionista ressalta a importância da interação do sujeito com o meio em que vive. O indivíduo forma o conhecimento por meio da interação com outras pessoas, em processo histórico, cultural e social pelo qual passa durante toda a vida.

A proposta pedagógica é a identidade da escola: estabelece as diretrizes básicas, a linha de ensino e de atuação na comunidade. Ela formaliza um compromisso assumido pela comunidade educativa em torno do mesmo projeto educacional.

A Rede Sagrado – Colégios Sagrado Coração de Maria preza pela formação completa e integral do ser humano, aliada à excelência acadêmica, preparando cidadãos globais para a vida. Por isso, tem como pressuposto uma educação pautada nas metodologias de ensino construtivista e sociointeracionista.

Na tentativa de entender como a criança aprende, Jean Piaget (1896-1980) estudou como o pensamento humano se desenvolve desde o nascimento até a adolescência. O resultado de seus estudos mostram que o desenvolvimento do pensamento da criança acontece em estágios, sendo cada um importante e necessário para o alcance do seu sucessivo. Isto significa que a criança deve atravessar todos os estágios para que o aprendizado aconteça.

Assim, nessa teoria, o desenvolvimento é uma construção que se dá por etapas, resultado do amadurecimento do sistema nervoso da criança e do contato com o mundo físico e social já que a criança é vista como um ser dinâmico que a

todo o momento interage com a realidade. É por meio dessas interações com o ambiente que a criança constrói suas estruturas mentais e as faz funcionar.

A proposta sociointeracionista ressalta a importância da interação do sujeito com o meio em que vive. O indivíduo forma o conhecimento por meio da interação com outras pessoas, em processo histórico, cultural e social pelo qual passa durante toda a vida. É importante que a metodologia sociointeracionista seja aplicada desde cedo, nas séries da educação infantil, já que o ponto inicial do conhecimento que é levado para a vida surge na infância.

Para Vygotsky, as pessoas só adquirem cultura e linguagem, além de se desenvolverem historicamente e de estimularem o raciocínio, se estiverem inseridas em meios sociais, ou seja, se houver interação. Dessa forma, uma proposta sociointeracionista nas escolas incentiva a interação e a participação, além do aprendizado mediado pelos professores, sempre que possível, extrapolando os conteúdos das disciplinas.

Segundo a Coordenadora de Processo Educativos do Centro Administrativo Educacional da Província, Maria Beatriz Silva, esses métodos são importantes para a autonomia do estudante: “Para nós da Rede Sagrado, ao mesclarmos as metodologias construtivista e sociointeracionista estamos entendendo que o indivíduo constrói o seu conhecimento por meio da interação, ao longo de um processo que é histórico, cultural e social, o conhecimento real de uma criança é o ponto de partida para o conhecimento potencial. Nossos professores têm papel ativo e mediador, oferecendo aos estudantes a oportunidade de trocar experiências, compartilhar suas vivências, sua história, sua cultura sendo motivados a participar ativamente da construção do próprio conhecimento. Acreditamos que assim, contribuímos para a formação de seres humanos íntegros, solidários, críticos e conscientes, cidadãos verdadeiramente protagonistas da própria vida.”

f) Método Waldorf

O método Waldorf foi desenvolvido por Rudolf Steiner, filósofo austríaco que acreditava na importância de combinar a razão e a espiritualidade do indivíduo.

A Pedagogia Waldorf é um método de ensino que tem como base os princípios da filosofia antroposófica, que enxerga o ser humano em três dimensões: física, anímica e espiritual. As escolas Waldorf não são instituições apenas conteudistas, elas buscam o desenvolvimento holístico dos estudantes.

Criada em 1919 na Alemanha pós-guerra, a escola Waldorf defende uma educação que trabalhe não só conteúdos, mas as habilidades sociais, motoras, cognitivas e emocionais de uma criança. Por ser uma abordagem que atende à educação do futuro, a Pedagogia Waldorf tem ganhado muito destaque na formação pedagógica.

A pedagogia Waldorf incentiva e encoraja a criatividade, nutre a imaginação e conduz os alunos a um pensamento livre e autónomo. Uma das características marcantes da Pedagogia Waldorf é o fato de não se exigir, do aluno, o cultivo precoce do pensamento abstracto. Almeja-se que as aulas sejam um preparo para a vida.

A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. A pedagogia procura integrar de maneira holística o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos. O objectivo é desenvolver indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis. As escolas e professores possuem grande autonomia para determinar o currículo, metodologia e governança.

Existem actualmente mais de 1092 Escolas Waldorf no mundo e cerca de 1857 jardins-de-infância, localizados em mais de 64 países, sendo assim um dos maiores movimentos educacionais independentes do mundo.

Criada em 1919 em Estugarda, na Alemanha, tem como base o conceito de que o desenvolvimento de cada ser humano é único. Assim, o ensino deve levar em conta as diferentes características de cada indivíduo. Um mesmo assunto que se pretende ensinar é abordado várias vezes durante o ciclo escolar, mas nunca da mesma maneira, e sempre respeitando a capacidade de compreensão de cada um.

Fundamentalmente, esta pedagogia tem, como objectivo, desenvolver a personalidade de forma equilibrada e integrada, estimulando o florescimento na criança e no jovem de: clareza do raciocínio; equilíbrio emocional; e iniciativa de acção. Inúmeros artistas, profissionais, políticos e famosos foram alunos em escolas waldorf no mundo inteiro.

Para atingir a formação do ser humano, ela pretende atuar no desenvolvimento físico, anímico e espiritual do aluno, incentivando o querer (agir) por meio da actividade corpórea das crianças em quase todas as aulas. O sentir é estimulado na constante abordagem artística e nas actividades artesanais

específicas para cada idade. O pensar é cultivado paulatinamente, desde a imaginação incentivada por meio de contos, lendas e mitos – no início da escolaridade –, até o pensar abstracto rigorosamente científico do ensino médio (colegial).

A pedagogia Waldorf incentiva e encoraja a criatividade, nutre a imaginação e conduz os alunos a um pensamento livre e autónomo. Uma das características marcantes da pedagogia Waldorf é o fato de não se exigir, do aluno, o cultivo precoce do pensamento abstracto. Almeja-se que as aulas sejam um preparo para a vida. Procura-se desenvolver as qualidades necessárias para que os jovens floresçam e saibam lidar com as constantes e velozes mudanças que se apresentam no mundo com criatividade, flexibilidade, responsabilidade e capacidade de questionamento.

Entende-se que o jovem, cada vez mais, precisa ser articulado e capaz de se comunicar claramente, tanto se abrindo para o que os outros têm a dizer como encontrando a melhor forma para expressar seus pensamentos ao mundo. Para alguns a pedagogia pode parecer revolucionária até hoje, porém o melhor termo que a define é apenas bom senso. Dois exemplos: a escola evita os electrónicos para crianças, os brinquedos, no geral, são artesanais, onde inclusive incentiva-se pais e mães a fazerem brinquedos simples para os filhos.

A análise do desempenho de escolas Waldorf em comparação com outras escolas é considerada por muitos inconclusiva, devido à escassez de relatórios imparciais de teor quantitativo e qualitativo. Isto ocorre devido ao fato de que o conceito de avaliação por notas ser considerado contrário aos ideais da escola Waldorf.^[5] Muitas escolas dão notas nos últimos anos para acostumarem os alunos a esse método de avaliação que encontrarão fora da pedagogia Waldorf.

Existem, entretanto, vários estudos quantitativos sobre o excelentes resultados das escolas Waldorf. Vale citar os artigos de Douglas Gerwin e David Mitchell, "Standing out without standing alone: profile of Waldorf School graduates", com várias tabelas e com estatísticas mostrando o excelente desempenho dos formandos em escolas Waldorf nos Estados Unidos. E o trabalho de Wanda Ribeiro e Juan Pablo com ex-alunos da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, no Brasil.

g) Método Freinet

Segundo Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard, o método natural foi utilizado pelo pedagogo francês Freinet e assumido por ele como uma adesão ao método global de leitura – que teve seu auge em 1960 –, com foco na produção escrita.

A metodologia Freinet dá atenção especial ao ritmo de aprendizagem de cada aluno. No início da semana, o professor define um roteiro coletivo, então, cada aluno define as tarefas e actividades que irá realizar individualmente, segundo as suas capacidades e os seus objectivos. Cada um progride em seu próprio ritmo.

Desta forma, a proposta da metodologia Freinet é promover a motivação, o gosto por aprender, o aprender como uma vontade genuína, através de escolhas pessoais. A comparação, a competição e o fracasso inibem o aprendizado e destroem o entusiasmo.

A pedagogia tradicional ainda é muito utilizada, mas não é a única forma de ensinar. Existem diversas metodologias colaborativas que estão transformando a educação, como é o caso da metodologia Freinet.

A metodologia é conhecida por sua proposta de ensino democrática e colaborativa, que se baseia nos interesses da criança para e no ensino além da sala de aula.

A metodologia Freinet foi criada por Célestin Freinet com o objetivo de construir uma sociedade solidária e cooperativa, e envolver ativamente os alunos. Mas, qual o seu diferencial em relação ao sistema de educação tradicional.

De forma simples, o método Freinet dá mais autonomia e empoderamento ao aluno, permitindo que ele desenvolva suas habilidades no seu próprio ritmo.

Essa metodologia colaborativa propõe, ainda, uma nova concepção da criança, percebida como sujeito ativo com necessidades e exigências específicas. Ela deve ser capaz de se expressar e a aprendizagem ocorre por meio da experiência e em contato com a realidade externa.

- Baseia-se na liberdade de expressão dos alunos.
- É uma educação popular e laica que prepara crianças e adolescentes de hoje para pensar e agir no mundo de amanhã.

Principais características da metodologia Freinet

Conforme a pedagogia Freinet, os alunos devem aprender pelo método natural. Ou seja, a partir do pressuposto de que uma série de conhecimentos podem ser adquiridos por meio do mesmo processo natural de aprender a ficar em pé, andar ou andar.

Assim sendo, é o aprendizado que se realiza com a experiência, a colaboração e a revisão coletiva dos erros. A tarefa do educador é orientar a criança.

Nessa metodologia colaborativa, o aluno aprende por meio da experimentação e não apenas pela reprodução do que lhe é ensinado. É ele quem deve elaborar suas próprias hipóteses e descobertas e construir seu próprio conhecimento.

A metodologia Freinet dá atenção especial ao ritmo de aprendizagem de cada aluno. No início da semana, o professor define um roteiro coletivo, então, cada aluno define as tarefas e atividades que irá realizar individualmente, segundo as suas capacidades e os seus objetivos.

Além disso, o professor deve saber valorizar os interesses individuais do aluno, estimulá-lo e aceitar seu tempo de aprendizagem. Ele deve, portanto, ser considerado um sujeito ativo, a ser respeitado em suas necessidades e valorizado em suas inclinações.

Ao montar a sua própria programação semanal, o aluno assume o controle de si e a responsabilidade, e ainda desenvolve a sua autonomia. Isso faz com que ele seja mais estimulado, já que estará trabalhando com algo que gosta.

Ao mesmo tempo, o professor estabelece horários para garantir que todos os pontos do programa escolar foram trabalhados.

A cooperação está no cerne da metodologia Freinet. O trabalho em grupo é muito incentivado em todas as disciplinas. Os benefícios são inúmeros, como:

- desenvolvimento do diálogo;
- capacidade de organização;
- senso de respeito e solidariedade;
- autonomia;

Além disso, os alunos podem formar livremente seus grupos de trabalho. O professor também pode garantir que os grupos sejam heterogêneos o suficiente para permitir a aprendizagem entre eles.

De maneira geral, a turma é organizada de forma cooperativa. Há conversas e muitos momentos de troca coletiva que permitem o desenvolvimento de regras de convivência, a regularização de conflitos e a execução de projetos.

Mas não é só isso. Essas atividades ajudam no desenvolvimento da escuta, da oralidade e na construção do pensamento crítico. Muitas vezes, uma caixa de sugestões é deixada na sala de aula para estimular o diálogo.

Com a metodologia colaborativa, o professor não deve dominar a aula, mas colocar-se no mesmo nível dos alunos. Na verdade, o professor é visto como um orientador. Ele deve estar lá para apoiar e dar às crianças os meios para construir um conhecimento pessoal. Ele pode até delegar algumas de suas responsabilidades aos alunos.

Para produzir, o aluno deve ter seus próprios recursos criativos, escolher os temas e as emoções que deseja expressar. Desenho, pintura, texto, expressão oral ou corporal, não importa. Aliás, até mesmo as palestras, oficinas e cursos podem ser os temas escolhidos pelos alunos.

Para a metodologia Freinet, a avaliação final tradicional é o único objetivo do ensino. Por isso, de acordo com a metodologia, a avaliação deve ser formativa e valorizar o progresso da criança. O acompanhamento individual permite propor a consolidação de conhecimentos e habilidades por meio de trabalhos em grupo.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentar-se o modelo de pesquisa utilizado, os diferentes métodos e técnicas fundamentais que permitirão o diagnóstico do objecto de investigação e do campo de acção do presente trabalho, assim como análise dos resultados da interpretação dos instrumentos aplicados, as insuficiências encontradas na pesquisa.

2.1. Tipo de pesquisa

O trabalho foi realizado com base na pesquisa descritiva, pois, este permite fazer um estudo aprofundado dos fenómenos em estudo observado. (Lakato e Marconi, 2014)

Pesquisa descritiva é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma acção ou com a resolução de um problema colectivo, envolvendo os pesquisadores e os participantes do problema de modo cooperativo ou participativo.

Para chegar-se ao objectivo do trabalho usou-se o tipo de pesquisa descritiva/exploratória.

Trata-se de uma investigação descritiva, porque, como sublinham Cervo e Bervian (2002), baseou-se na “observação, registo, análise e correlação de factos”, neste caso sobre metodologia de alfabetização em crianças. A natureza exploratória reside no facto de se ter privilegiado, conforme explica Vianna (2001), “a análise de cada situação a partir de dados descritivos, procurando estabelecer relações, causas e efeitos para a compreensão da realidade estudada”.

Muitas são as pesquisas com esta denominação e a utilização de técnicas padronizadas de colecta de dados, tais como a entrevista, o questionário e a observação sistemática. Nesse caso, o pesquisador regista, analisa e interpreta os dados.

2.2. Modelos de abordagem

Optou-se pela abordagem mista (qualitativo-quantitativa), pois, segundo Mezquita e Rodriguez (2004), na investigação pedagógica não exista um esquema que aceite de modo geral uma única abordagem, já que em toda investigação integram-se os aspectos quantitativos e qualitativos.

Para Creswel (2007), a abordagem mista preocupa-se em colectar, analisar e interpretar tanto os dados qualitativos como quantitativos em um único estudo. A qualitativa, caracterizam-se as descrições detalhadas das manifestações de conduta das pessoas, das suas interacções, das situações e do ambiente, levando em conta o padrão cultural. Já a quantitativa caracterizar-se-á por medir as variáveis em estudo com maior precisão possível, e os resultados apresentar-se-ão em gráficos estatísticos.

2.3. Níveis de estruturação de métodos

a) Nível teórico

Histórico-lógico: permite realizar uma abordagem teórica sobre o campo de acção, no sentido de estabelecer as suas regularidades ao longo da história, ou seja, o estudo do fenómeno ao longo da sua evolução. Marconi e Lakatos (2003)

Análise-síntese: estas operações não existem independentemente uma da outra: análise de um objecto realiza-se a partir da relação que existe entre os elementos que conformam o referido objecto como um todo e por sua vez a síntese produz-se com base nos resultados anteriores da análise. Creswell (2007). Possibilita a valorização teoria e prática das informações que são obtidas tanto no estudo teórico como empírico que permitirá chegar à conclusão dos resultados a ser alcançados.

Utilizou-se este método, porque ajudou na orientação do diagnóstico e estudo sobre as acções para a redução de iliteracia nas turmas de alfabetização, assim para descobrir os constrangimentos deste fenómeno e elaborar propostas através desta pesquisa para compreender este processo.

Indutivo-Dedutivo: na actividade científica contemplam-se entre si, do estudo de numerosos casos particulares através da indução, conseguem determinar-se generalizações e leis empíricas que consta desta formulação, deduzem-se novas

conclusões lógicas que são sujeitas a comprovação experimentais. Ramos e Naranjos (2014)

b) Nível empírico

O método do nível empírico estuda as características fundamentais e as relações essenciais dos objectivos que são acessíveis à percepção sensorial.

Observação: é uma técnica de colecta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar. Marconi e Lakatos (1993). Esta técnica foi aplicada sobre a forma de grelha de observação dirigida aos professores.

Inquérito: é uma técnica de compilação de informação mediante uma conversa profissional, para adquirir informação acerca do que se investiga. Ramos e Naranjo (2014). Esta técnica foi aplicada sobre a forma de guião de inquérito dirigidas aos membros de direcção da escola e aos professores da Escola primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda.

Pesquisa bibliográfica: é quando um investigador desenvolve a sua investigação a partir de material já elaborado por outros investigadores, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Gil (2010).

c) Nível estatístico

Usou-se de forma complementar, para revelação das tendências e relações dos fenómenos. Podem ser descritivamente e inferencial para o processamento das informações, que permitiram sintetizar, interpretar e apresentar dados percentuais através de tabelas.

2.4. Técnicas de recolha de dados

Gil (2011) et al, refere que as técnicas de obtenção de dados que se podem utilizar numa pesquisa são normalmente dois tipos:

Observação

Segundo Gil (2011) a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, pois é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir a hipótese, definir variáveis, colectar dados, etc. Esta técnica foi aplicada sobre a forma de grelha de observação dirigida aos professores.

Inquérito

Segundo Gil (2011) et al, a entrevista é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objectivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. Esta técnica foi aplicada sobre a forma de guião de entrevista dirigidas aos membros de direcção e professores da escola em estudo.

2.5. Instrumentos e procedimentos

Grelha de observação

Segundo Gil (2011) et al, refere que a observação visa examinar o ambiente através de um esquema geral para nos orientar e que o produto desta observação é registado em nota de campo. Já para o Ribeiro (2008) et al, refere que a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudo.

A grelha de observação foi utilizada no momento em que foi-se observar as aulas leccionadas por outros professores.

Guião de inquérito

Gandim (2006), refere que os inquéritos expressam valor quantitativo, centrando-se em determinados tópicos, ou podem ser guiadas por questões gerais.

O guião de inquérito foi feito com perguntas abertas conforme é recomendado pelos especialistas dentro da abordagem qualitativa com objectivo de recolher informações sobre o abandono escolar nas turmas de alfabetização em estudo.

2.6. População e amostra

A população do estudo é constituída pelo director geral, director pedagógico, professores e famílias grupo- alvo. O critério de amostragem considerado no estudo é do tipo probabilístico do modelo representativo, pois, este regulamenta que amostra deve ser de 30% da população ou acima.

A presente pesquisa é formado por 1 (um) director geral, 1 (um) director pedagógico, 24 (vinte e quatro) professores, totalizando 26 (vinte e seis) elementos da amostra, correspondendo percentualmente 55,3% da população, o que conclui-se que, a referida amostra é de carácter representativo. (Almeida & Freire, 2017)

FUNÇÃO	POPULAÇÃO	AMOSTRA	
	Frequência absoluta	Freq. absoluta	Valor Perc. %
Director geral	1	1	3,8%
Director pedagógico	1	1	3,8%
Professores	45	24	92,4%
Total	47	26	100%

Fonte: Própria

2.7. Dificuldades encontradas

Ao longo do processo de pesquisa tive problemas relacionados a escolha do tema, dificuldade na aplicação dos métodos, percepção dos conteúdos, escassez de referências bibliográficas ou informações que sustenta a fundamentação teórica, dificuldades financeiras, falta de transporte algumas vezes quando fazia trabalho de campo, deixar a família para efectivar o processo de pesquisa, etc.

CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

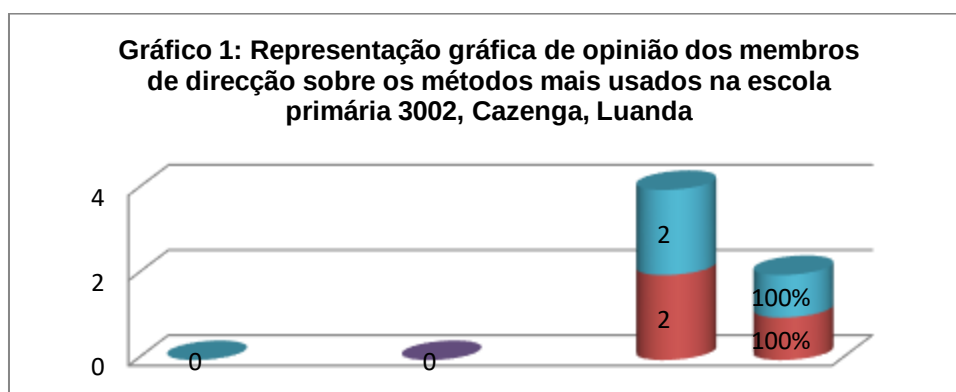
3.1. Apresentação e interpretação dos resultados

Neste capítulo, apresenta-se as análises e discussões dos resultados da pesquisa em questão, ou seja, aqui neste capítulo apresenta-se as respostas e as análises dos resultados das entrevistas por inquérito que foram submetidas aos membros de direcção, professores e pais e encarregados de educação que fizeram parte directa do processo de pesquisa, porém, apresentação e interpretação dos resultados estão em tabelas e gráficos.

3.1.1. Apresentação e interpretação dos resultados dos inquéritos feitos aos membros de direcção escolar

Tabela nº1

Membros de direcção (Dir. geral Pedag.)	Os métodos mais usados no processo de alfabetização na Escola Primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda				Total
	Tradicional	Montessori	Construtivista	Sócio-interacionista	
Valor absoluto	0	2	0	0	2
Valor percentual	0%	100%	0%	0%	100%



Segundo o inquérito que se fez aos membros de direcção da escola em estudo, todos 100% dos membros de direcção responderam que os professores têm aplicado o método Montessori, pois, o mesmo consiste em desenvolver o aluno baseando-se propriamente nas particularidades do mesmo. O método Montessori parte do princípio que é possível aprender e se desenvolver quando se respeita a

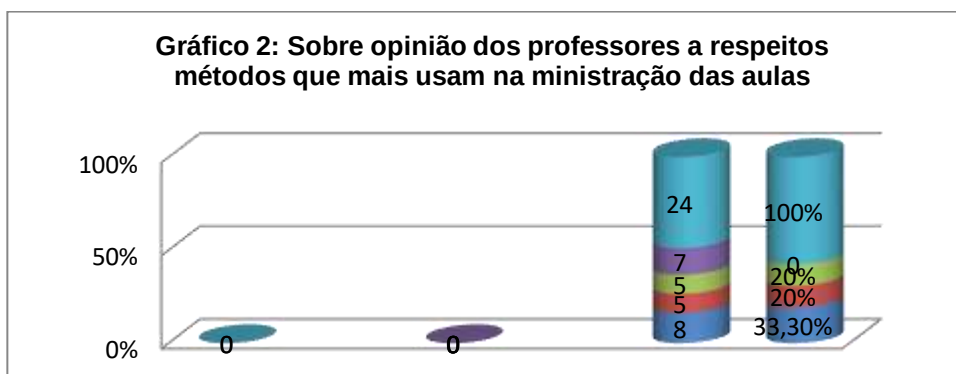
personalidade, liberdade e individualidade de cada sujeito. Por isso, os ambientes são preparados com altura e organização para estimular muito mais do que a independência, mas a autonomia dos pequenos. Costa (2001)

Porém, compreende-se que, na visão dos gestores da escola em estudo, os professores têm aplicado o método Montessori, o que implica o desenvolvimento integral e as particularidades dos alunos dentro do contexto escolar.

3.1.2. Apresentação e interpretação dos resultados dos inquéritos feitos aos professores

Tabela nº 2

Professores	Os métodos mais usados no processo de alfabetização na Escola Primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda				Total
	Tradicional	Montessori	Construtivista	Sócio-interacionista	
Valor absoluto	8	5	5	7	24
Valor percentual	33,3%	20%	20%	26,7%%	100%



Os professores da Escola Primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda 33,30% dos professores utiliza método tradicional, 20% dos professores utiliza método montessori, outros 20% utiliza construtivista e, 26,7% utilizam sócio-interacionista, todavia, nota-se que 33,30% da maioria dos professores usam o método tradicional no qual o professor tem um papel protagonista na transmissão do conhecimento, enquanto o aluno assume uma postura passiva. Muito comum na maioria das escolas, o método de ensino tradicional é focado na exposição verbal de conteúdo e de demonstrações. Ferreiro (2006)

Ao passo que, o sócio-interacionismo é uma concepção que prioriza a análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, por meio da interacção deles com a realidade. Ou seja, trata da dimensão sociocultural do estudante, valorizando o contexto histórico, social e cultural em que está inserido.

Entende-se que, depois dos inquéritos feitos aos intervenientes da pesquisa, diagnostica-se que, o método mais usado na escola primária nº3002, Cazenga, são os métodos tradicional 33,3% e, seguido do sócio-interaccionista com percentagem de 27%.

Aconselha aos membros de gestão da escola em questão, a criarem políticas de aplicação de métodos novos activos, tais como montessori, construtivista e outros.

3.2. Discussão dos resultados

Aqui nesta subsecção do capítulo III, apresentam-se a controvérsia decorrida e argumentativa entre os agentes que fizeram parte directa do processo de pesquisa, ora bem, eis a seguir:

3.2.1. Discussão dos resultados dos inquéritos feitos aos membros de direcção escolar

Segundo o inquérito que se fez aos membros de direcção da escola em estudo, todos os membros de direcção responderam que os professores têm aplicado o método Montessori, pois, o mesmo consiste em desenvolver o aluno baseando-se propriamente nas particularidades do mesmo.

O método Montessori parte do princípio que é possível aprender e se desenvolver quando se respeita a personalidade, liberdade e individualidade de cada sujeito. Por isso, os ambientes são preparados com altura e organização para estimular muito mais do que a independência, mas a autonomia dos pequenos. Costa (2001)

Porém, compreende-se que, na visão dos gestores da escola em estudo, os professores têm aplicado o método Montessori, o que implica o desenvolvimento integral e as particularidades dos alunos dentro do contexto escolar.

3.2.2. Discussão dos resultados dos inquéritos feitos aos professores

A escola tradicional utiliza um método pedagógico no qual o professor tem um papel protagonista na transmissão do conhecimento, enquanto o aluno assume uma postura passiva. Muito comum na maioria das escolas, o método de ensino tradicional é focado na exposição verbal de conteúdo e de demonstrações. Ferreira (2006)

Ao passo que, o sócio-interacionismo é uma concepção que prioriza a análise dos reflexos do mundo exterior no interior dos indivíduos, por meio da interação deles com a realidade. Ou seja, trata da dimensão sociocultural do estudante, valorizando o contexto histórico, social e cultural em que está inserido.

Entende-se que, depois dos inquéritos feitos aos intervenientes da pesquisa, diagnosticou-se que, o método mais usado na escola primária nº3002, Cazenga, são os métodos tradicionais com percentagem de 33,3% e, seguido do sócio-interacionista com percentagem de 27%.

Aconselha aos membros de gestão da escola em questão, criarem políticas de aplicação dos métodos Montessori, construtivista e outros.

CONCLUSÕES

Depois do estudo feito de forma aprofundada, conclui-se o seguinte:

Analizou-se o processo de alfabetização e as metodologias utilizadas pelos professores da 2ª Classe, Escola Primária em estudo, todavia, depois de um estudo profundo, constatou-se que, os métodos mais usados pelos professores referenciados são os métodos tradicionais com uma equivalência percentual de 33,3% e, seguido do método sócio-interaccionista com uma percentagem aproximada de 27%. Portanto, aconselha-se os membros de gestão da escola em questão, a criarem políticas de aplicação dos métodos Montessori, construtivista e outros.

- Alicerçou-se sobre as bases teóricas da metodologia de alfabetização, princípios e processos de cada métodos e suas aplicações em contexto de transmissão, todavia, a metodologia de alfabetização consiste no processo de integração da criança que se realiza efectivamente através da aquisição da leitura e escrita, visto que o uso da linguagem oferece a ela condições de expressar e internalizar acções e informações, favoráveis ao desenvolvimento humano numa perspectiva harmoniosa;
- Descreveu-se os princípios psicopedagógicos que norteiam o processo de alfabetização, pois, constitui promover a aprendizagem, contribuindo para os processos de inclusão escolar e social, compreender e propor acções frente às dificuldades de aprendizagem; Realizar pesquisas científicas no campo da psicopedagogia e mediar conflitos relacionados aos processos de aprendizagem.
- Sugerir a direcção da escola e aos professores sobre aplicação dos métodos activos aos alunos da 2ª Classe da Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda.

SUGESTÕES

Tendo em conta a pesquisa feita e das conclusões do trabalho realizado, sugeriu-se:

A direcção da escola:

- Que a escola deve criar políticas que venham incentivar os professores aplicarem os métodos activos no processo de alfabetização no sentido de concretizar os objectivos do ensino primário;
- A escola deve continuar fornecer seminários de capacitação aos professores sobre os métodos activos e dinâmicos dentro do contexto da transmissão de aulas, porém, aplicação dos métodos activos permite o desenvolvimento escolar dos alunos para poder garantir o bom rendimento escolar dos alunos da Escola Primária nº 3002, no Município do Cazenga, Província de Luanda;

Professores:

- Aos professores da escola primária nº3002, apliquem estratégias sobre aplicação dos métodos activos para alunos da 2ª classe da Escola Primária em epígrafe, todavia, um professor que faz uso de metodologias activas, como abordagem pedagógica, entende a construção do conhecimento pelo estudante como um processo de aprender a aprender, quando a busca por respostas às questões-problema e por conteúdos são definidas pelo próprio aluno, conferindo-lhe autonomia na busca desse saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, Maria Carmem de C. Silva. *Perspectiva Histórica da Alfabetização*. Viçosa, MG: UFV, 1995.

Arquivado em 12 de maio de 2011, no Wayback Machine. El poder de la reflexión

Arquivado em 13 de janeiro de 2012, no Wayback Machine. Artigo na revista Tribuna Logosófica sobre investigações genéticas em relação à infidelidade

Arquivado em 24 de janeiro de 2011, no Wayback Machine. Artigo de fundo: Una explicación sobre el método logosófico.

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina Ministério da Justiça do Brasil

Azenha, Maria da Graça. *Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro*. São Paulo: Ática, 7ª edição, 1999.

Biscolla, Vilma Mello. *Construindo a Alfabetização*. São Paulo: Pioneira, 1991.

Cagliari, Luiz Carlos. *Alfabetização sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu*. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

Clemente, Maria Aparecida. *Alfabetização no século XX*. São Paulo: Papirus, 1995.

Costa, Magda Suely Pereira (2001). «Maria Montessori e seu método»: Brasil: São Paulo

Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa". Editora Delta S.A., Rio de Janeiro, 2ª edição brasileira, volumes III y IV.

Dicionário da Língua Portuguesa (1966) . Departamento de Imprensa Nacional. Brasil, 3º Tomo (J-P).

Educação Logosófica estimula a busca por valores, Patricia Ferreira de Faria Goulart, Portal de Jornalismo, 29 de março de 2013».

Ferreiro, Emília. Alfabetização em processo. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

Ferreiro, Emilia. Os filhos do analfabetismo. Porto Alegre; Artes médicas, 1992.

Ferreiro, Emília. Reflexões sobre alfabetização. Trad. Horacio Gonzáles. 24. ed. Sao Paulo: Cortez, 2001. V14 (Coleção Questões da Nossa Época).

Ferreiro, Emília; Teberosky, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Freire, Madalena. Paixão de aprender. São Paulo: Cortez, 1992.

Gadotti, Moacir. Escola Cidadão. São Paulo: Cortez, 1995.

González Pecotche em *Sapiens: enciclopedia ilustrada de la lengua castellana* (tomo 2). Buenos Aires: Sopena Argentina, 1958.

González Pecotche no *Pequeño Larousse Ilustrado*. Madri: Larousse, 1993.

González Pecotche, C. B. *Deficiências e Propensões do Ser Humano* (2007) Editora Logosófica, 11ª Edição.

González Pecotche, C. B. *O Mecanismo da Vida Consciente* (2007) Editora Logosófica, 14ª edição.

González Pecotche, C. B.: *Curso de Iniciação Logosófica* (2008). Editora Logosófica, 18ª edição.

Jornal Brasil on-line (05 de Julho de 2010). Brasília reunirá estudantes de Logosofia de 14 países

Lakatos, M. E. & Maconi de A. (2013). Fundamentos Metodológico, 3ª Edição. Brasil: Brasília.

Lisboa, Edgar (13 de Agosto de 2010). Congresso de Logosofia começa hoje em Brasília.

Montessori, Maria (1965). *Pedagogia Científica: A Descoberta da Criança*, 2ª edição, Brasil.

APÊNDICES

Entrevista por inquérito dirigido aos membros de direcção da Escola Primária nº3002, no Município de Cazenga, Província de Luanda

O presente instrumento de pesquisa, terá como propósito a recolha de dados para fim unicamente académico. Pois, é um instrumento de pesquisa científica, onde não existe resposta certas nem erradas. Pelo que pede-se a máxima colaboração e garanti-se que a sua identidade será mantida em sigilo.

1- De acordo a realidade da Escola Primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda, assinala com **X** numa única opção a baixo sobre os métodos mais usados no processo de alfabetização:

- a) Tradicional ☐
- b) Montessori ☐
- c) Construtivista ☐
- d) Sócio-interactiva ☐

Muito obrigada!

**Entrevista por inquérito dirigido aos professores da Escola Primária nº3002, no
Município de Cazenga, Província de Luanda**

O presente instrumento de pesquisa, terá como propósito a recolha de dados para fim unicamente académico. Pois, é um instrumento de pesquisa científica, onde não existe resposta certas nem erradas. Pelo que pede-se a máxima colaboração e garanti-se que a sua identidade será mantida em sigilo.

1- De acordo a realidade da Escola Primária nº 3002, Município de Cazenga, Província de Luanda, assinala com **X** numa única opção a baixo sobre os métodos mais usados no processo de alfabetização:

- | | | |
|----|-------------------|--------------------------|
| a) | Tradicional | ☐ |
| b) | Montessori | ☐ |
| c) | Construtivista | ☐ |
| d) | Sócio-interactiva | ☐ |

Muito obrigada!

Entrevista dirigido aos membros de direcção da Escola Primária nº3002, no Município de Cazenga, Província de Luanda

O presente instrumento de pesquisa, terá como propósito a recolha de dados para fim unicamente académico. Pois, é um instrumento de pesquisa científica, onde não existe resposta certas nem erradas. Pelo que pede-se a máxima colaboração e garanti-se que a sua identidade será mantida em sigilo.

- 1- Como se desenvolveu historicamente o processo de alfabetização?
- 2- Em que bases psicopedagógicas se apóiam os processos de alfabetização?
- 3- Como as professoras alfabetizadoras, vem construindo as suas práticas pedagógicas, e que métodos utilizam?
- 4- Que dificuldades podem ser observadas nos alunos no decorrer do processo de alfabetização?
- 5- Como as professoras intervêm didaticamente, tendo em vista as possíveis dificuldades dos alunos?

Muito obrigada!

Entrevista dirigido aos professores da Escola Primária nº3002, no Município de Cazenga, Província de Luanda

O presente instrumento de pesquisa, terá como propósito a recolha de dados para fim unicamente académico. Pois, é um instrumento de pesquisa científica, onde não existe resposta certas nem erradas. Pelo que pede-se a máxima colaboração e garanti-se que a sua identidade será mantida em sigilo.

- 1- Como se desenvolveu historicamente o processo de alfabetização?
- 2- Em que bases psicopedagógicas se apóiam os processos de alfabetização?~
- 3- Como as professoras alfabetizadoras, vem construindo as suas práticas pedagógicas, e que métodos utilizam?
- 4- Que dificuldades podem ser observadas nos alunos no decorrer do processo de alfabetização?
- 5- Como as professoras intervêm didaticamente, tendo em vista as possíveis dificuldades dos alunos?

Muito obrigada!

ANEXOS